



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

**O Utilizador da Biblioteca Escolar.
Conteúdos a Integrar no Programa Curricular de
Língua Portuguesa**

Telma Patrícia Alves Gaudêncio

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Documentais
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Paulo Osório

Covilhã, Junho de 2011

**O Utilizador da Biblioteca Escolar.
Conteúdos a Integrar no Programa Curricular de
Língua Portuguesa**

Telma Patrícia Alves Gaudêncio

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Documentais
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Paulo Osório

Covilhã, Junho de 2011

Dedicatória

Ao meu filho, por servir de fonte de inspiração em todos os momentos.

Ao meu marido, por todo o apoio e disponibilidade.

À restante família, por todos os momentos em que me foi permitido crescer.

Resumo

Desde sempre que a comunicação foi um factor importante na sociedade. Os nossos antepassados tentaram arranjar formas de comunicar entre eles. Desenharam em cavernas, inventaram formas de escrever, desenvolveram suportes de escrita. A preocupação em armazenar informação não é só dos tempos mais modernos, já os nossos antepassados se interrogavam como faze-lo. Foi assim que começou a pensar-se num local onde tudo estivesse devidamente acondicionado. Chegámos assim às bibliotecas, não como hoje as conhecemos mas com a mesma função.

A sociedade onde estamos inseridos está em busca constante pela informação. Para fazer face a esta busca constante as bibliotecas forma-se modernizando, deixando de ser salas cheias de livros empoeirados. Hoje encontramos lado a lado livros, jornais, revistas, DVD's, CD's, computadores. A biblioteca já não é uma sala fechada onde os livros são tesouros, a biblioteca está cheia de vida, com espaços agradáveis, confortáveis e que convidam a passar um bom bocado do nosso tempo.

Com todo o desenvolvimento nas bibliotecas, as escolas também começaram a pensar nesta realidade como algo benéfico para o desenvolvimento da escola e das nossas crianças, pois nem sempre há uma biblioteca próxima da escola. Esta nova verdade trouxe à biblioteca Escolar o lugar de destaque dentro da escola. Para maior dinamização surgiu o lugar de Professor Bibliotecário que faz a ligação com os outros professores da escola. As Bibliotecas Escolares têm a função de captar leitores e formá-los para que continuem a ser frequentadores da biblioteca ao longo das suas vidas.

Os programas curriculares têm directrizes para que a Biblioteca Escolar seja utilizada, algo que nem sempre é possível, já que sabemos que apesar da vontade em ter uma Biblioteca Escolar devidamente apetrechada e actualizada ainda não é um facto em todas as escolas.

A análise feita a duas histórias tão distintas mostra que nem sempre é necessário actividades muito elaboradas e complicadas que desmotivem professores e alunos a frequentarem a sua Biblioteca Escolar. Com todas as pequenas actividades a biblioteca está em constante crescimento e mantêm-se a motivação para a sua utilização.

Abstract

Communication was always an important factor in society. Our ancestors tried to find ways to communicate between them. Draw in caves, invented different forms of writing, developed writing supports. The concern in the information store is not only a thing of modern times, even our ancestors concerns how to do it. It was thus that we began to think in a place where everything was properly packaged and organized. We are come at libraries, not as we know them today but with the same function.

The society where we are included is in a constant search for the information. To cope with this constant search, libraries were modernizing, not being rooms full of dusty books. Today we found side by side books, newspapers, magazines, DVD 's, CD 's, computers. The library is no longer a closed room where the books are treasures, the library is full of life, with nice, comfortable spaces and invite us to spend a good part of our time.

With all the development in libraries, schools also began thinking this reality as something beneficial to the development of school and of the children, because in some cases there isn't a library near the school. This new truth brought to school library a prominent place within the school. For greater pivoting came the Teacher Librarian that make connection with the other teachers of the school. School libraries have the function to capture readers and train them to continue to be library goers throughout their lives.

The curricula have guidelines for school library to be used, something that is not always possible, since we know that despite the willingness to have a suitably equipped school library and up-to-date is not yet a fact in all schools.

The analysis made to two distinct stories shows that it is not always necessary very elaborate and complicated activities that demoralize teachers and students to attend their school library. With all the small activities the library is constantly growing and the motivation for their use is kept.

Índice

Resumo	ii
Abstract	iii
Introdução	5
Capítulo I	
I - As Bibliotecas: o Passado e o Presente	8
II - Formar leitores	18
Capítulo II	
Análise do Programa Curricular da disciplina de Língua Portuguesa	28
Capítulo III	
Guião de actividades das histórias “O meu pai e eu” de Maria Tereza Gonzalez e “O ciclo de Mel” de Cristina Qental e Mariana Magalhães	42
Conclusão	70
Bibliografia	74

INTRODUÇÃO

A sociedade onde nos inserimos está em constante busca pela informação, assim, compete-nos conhecer todas as formas de sermos informados e quais os melhores meios de informação ao nosso dispor. Pretende-se, deste modo, mostrar o caminho percorrido para que essa necessidade fosse suprimida, de forma clara e perceptível. Assim, depois de passar por várias fases, como a pictográfica e os hieróglifos, entre outras, chega-se à escrita, tal como hoje a conhecemos. A invenção da escrita veio marcar a linha divisória entre o período da Pré - História e o período da História, levando assim a que as civilizações dos grandes rios, como inventoras da escrita, fossem consideradas as primeiras da história.

Ao aparecer a escrita abre-se todo um novo mundo de possibilidades, de partilha e de transmissão de pensamento para os povos seguintes. Foi com o desenvolvimento da escrita que chegámos ao livro, não ao que hoje conhecemos como tal, mas ao livro no começo da sua história, com todas as tentativas de aperfeiçoamento. O livro tem um papel especial na história já que é o principal responsável pela conservação de informação, com esta evolução a biblioteca foi o patamar seguinte, já que começou a surgir a necessidade de armazenar todo o conhecimento para que estivesse disponível para as gerações seguintes. As primeiras bibliotecas vêm desde a Antiguidade, o que permite aferir, actualmente, da preocupação dos nossos antepassados em conservar e transmitir o seu saber e conhecimentos.

A realização deste trabalho surgiu da vontade de compreender melhor as bibliotecas nas suas funções e também na forma como “prendem” o público, tornando assim as pessoas mais abertas à leitura e a todas as actividades que hoje a biblioteca realiza. A assiduidade nas idas à biblioteca e o gosto pela leitura devem ser inculcados desde cedo. As técnicas de motivação de leitura não devem ser apenas transmitidas na escola, este trabalho tem de ser iniciado em casa com os pais pois segundo Azevedo (2007:38) “Os seres humanos tendem a imitar as pessoas que admiram, ou pelos quais desejam ser aceites e tendem a repetir os comportamentos bem sucedidos”.

A biblioteca é quem melhor reúne um conjunto vasto de materiais de pesquisa que conseguem motivar os leitores. Temos de começar a encarar a biblioteca não só como um local destinado apenas aos estudantes. Hoje as bibliotecas já proporcionam espaços de lazer e convívio importantes para a troca de conhecimentos. A ideia de que os livros são só para estudar também tem de ser alterada. Um livro é um fantástico companheiro de tempos livres e até para se beber um café num jardim ou mesmo dentro da biblioteca.

Este trabalho está dividido em três capítulos, que por sua vez se subdividem. No caso do primeiro capítulo, temos uma primeira parte onde discutimos as bibliotecas e a sua evolução ao longo dos tempos. Para que houvesse bibliotecas, falámos no caminho percorrido pelos nossos antepassados e pelas suas dificuldades para comunicarem entre eles. Referimos a importância das mesmas e os diferentes tipos de bibliotecas que hoje temos à nossa disposição. Numa segunda parte falamos na biblioteca como local de formação de leitores e referimos algumas ideias para melhorar e ajudar a que todos possam ser excelentes leitores e com gosto em partilhar aquele espaço de forma a incentivar outros.

O segundo capítulo desta dissertação tem uma análise detalhada ao currículo de Língua Portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Básico. Esta análise tem por finalidade a observação de quais os conteúdos que já existem e que estão relacionados com a utilização da biblioteca na escola. Neste capítulo vemos todos os conteúdos e apresentamos ideias de como incluir a biblioteca Escolar na realização dos mesmos e que possam ser mais-valias para os professores, alunos e bibliotecas escolares. Chegamos à conclusão que no 2º ano do Ensino Básico é feito um aprofundamento de alguns conteúdos do 1º ano, servindo para mostrar às crianças a sua evolução e o que já são capazes de fazer na biblioteca. Esta situação é idêntica ao 4º ano de escolaridade onde se passa a acontecer o mesmo com certos conteúdos comuns ao 3º.

O capítulo três é totalmente dedicado ao trabalho de campo. Vamos trabalhar dois livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura e criar um conjunto de actividades a realizar no espaço da biblioteca de forma a motivar as crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico a serem frequentadores da biblioteca escolar desde cedo. As actividades na Biblioteca da escola não podem ser estanques a uma divisão. Com a análise do livro pretendemos também alargar a leitura de livros a outras disciplinas que não só a Língua Portuguesa. Estes livros podem servir para o Estudo do Meio e até para a Expressão Plástica.

O livro “ O meu pai e eu” de Maria Tereza Gonzalez trata o assunto da família e da importância da mesma na nossa vida e no nosso crescimento. O livro “O ciclo do mel” de Cristina Quental e Mariana Magalhães já nos permite alargar o trabalho aos animais e às funções que desempenham na Natureza assim como às profissões associadas ao cuidado dos mesmos.

Em conclusão, pretendemos com esta dissertação mostrar a utilidade da biblioteca na sociedade onde nos encontramos e a melhor forma de tirar partido da mesma. Assim, apelamos para utilização da biblioteca como recurso fundamental no nosso sistema educativo e que deve ser encarado como a base para a formação de óptimos e excelentes utilizadores dos diferentes tipos de bibliotecas que nos aparecem ao longo do nosso percurso de vida.

CAPÍTULO I

Biblioteca - Colecção de livros possuídos por um particular ou destinados à leitura do público; estantes, sala ou edifício onde se encontra uma colecção de livros.

Dicionário da Língua Portuguesa (2004)

“Para gostar de ler, é fundamental saber ler (sem esforço) e ter motivação para o fazer, e porque estas duas condições podem estar melhor satisfeitas com a ajuda do professor, é imprescindível que este se encontre munido de ferramentas que conduzam ao desenvolvimento do gosto pela leitura, para que a mesma deixe de ser sinónimo de trabalho, e até de aborrecimento.”

Azevedo (2007:71)

I - As Bibliotecas: Passado e Presente

“Com o aparecimento da escrita, pode dizer-se que se inicia a história do livro.”

Douglas C. McMurtrie (1997:19)

Foi a necessidade de expressar ideias e comunicar com o seu semelhante que levou o Homem a criar a escrita. Ao longo dos tempos, esta assumiu várias formas. O Homem serviu-se desde tempos remotos de símbolos, sinais e de imagens, antes de chegar ao nosso alfabeto para fazer transmissão de pensamentos. Labarre (2001) refere que a escrita é uma descoberta milenar que se instituiu entre o milénio LX e o IV a. C.

Numa época remota havia homens a desenharem em cavernas pois os grunhidos e sons não eram suficientes para comunicarem. Estes desenhos marcam o início da evolução da escrita, e também do homem, já que era possível transmitir algum conhecimento de forma mais sólida. Assim, o homem descobriu o primeiro suporte de escrita - a pedra. Esta forma de escrita ficou conhecida como escrita pictográfica, uma vez que representava objectos e está na base da escrita cuneiforme e, posteriormente, também de os hieróglifos. Com o passar do tempo começaram a associar-se os símbolos pictográficos a ideias relacionadas com os objectos representados.

Na Mesopotâmia¹ apareceram os Sumérios². Como estes eram pequenas civilizações urbanas tiveram a necessidade de criar um sistema que lhes permitisse controlar tudo o que possuíam uma vez que já não estavam apenas dependentes da agricultura, existiam também os contratos, os impostos e as leis a necessitarem de registo. A dificuldade em aprender este sistema levou à criação de escolas.

Os Egípcios, em 3100 a. C., apesar da universalidade que podia ser associada à escrita cuneiforme, decidiram não a adoptar como sistema de escrita, trabalhando num outro sistema por eles considerado mais belo, apesar de extremamente confuso e ilegível. Este sistema de escrita foi chamado de escrita hieroglífica. Esta forma de escrita englobava dois outros sistemas, o que a tornava ainda mais complicada, a escrita hierática, usada principalmente em documentos religiosos a escrita demótica que era usada pelo povo. Houve, por parte dos Egípcios, a necessidade de controlar bens, palácios e templos. Também no

¹ Mesopotâmia deriva do grego e significa “entre os rios”.

² Foi entre o rio Eufrates e Tigre que surgiu a Civilização Suméria.

Egipto, tal como aconteceu com a civilização Suméria, a escrita era dominada por escribas. A escrita hieroglífica foi usada de forma repetida pela civilização egípcia durante perto de três milénios, ao longo dos quais foi sofrendo alterações.

Numa fase seguinte, a escrita vai sofrendo alterações. Como por vezes se verificavam dificuldades de comunicação com o uso de ideogramas começou a juntar-se-lhes o som e, deste modo, nasce a escrita fonética, em que os símbolos representam os sons. Mesmo assim, continuaram a existir problemas e de forma a tentar resolvê-los, na Mesopotâmia, os Babilónios e os Assírios desenvolveram um sistema silábico, em que havia uma marca específica para cada sílaba.

Os Fenícios conseguem arranjar um sistema fonético com apenas 22 sinais diferentes, mais simples que a escrita cuneiforme e hieroglífica, que devido à sua natureza podem ser aplicados a praticamente todas as línguas. Este sistema fonético é uma grande marca. Os Fenícios como marinheiros e comerciantes foram levando consigo este sistema de escrita dando-o a conhecer a outros povos e civilizações. Os Gregos aproveitaram-no e juntaram-lhe vogais pois o alfabeto Fenício era praticamente constituído por consoantes.

Aquando da conquista da Grécia no século I a. C, os Romanos adoptaram o alfabeto já melhorado pelos gregos mas alterando a forma de algumas letras. O nosso alfabeto tem origem no romano e permanece quase igual tornando a invenção dos Fenícios quase uma obra-prima. O alfabeto foi um facilitador quer para troca de conhecimentos e contactos mas também facilitou a aprendizagem da leitura e da escrita. A escrita veio facilitar a vida do homem pois foi através dela que a comunicação se faz de forma clara e perceptível, é também a responsável pelo carácter permanente do conhecimento assim com por tornar duradouras a transmissão de tradições às gerações vindouras.

Cada povo adaptava os suportes de escrita consoante o material que tinha mais disponível e que lhe era mais fácil utilizar. Os chineses usavam tecidos, principalmente a seda, e também tela. Como eram materiais relativamente frágeis usavam um pincel para escrever. Algumas vezes usavam ainda conchas, osso e bronze. Os Semitas e Gregos usavam pedaços de cerâmica e também conchas. No Médio Oriente usaram-se, durante séculos, folhas de palmeira secas que eram, posteriormente, passadas com óleo. Também foram utilizados outros materiais mais rijos como a ardósia, o marfim, ossos, entre outros. É importante ter em conta que apesar do uso de todos estes materiais, houve dois cuja utilização se destacou: o papiro e o pergaminho. A mais comum forma de livro antigo é o rolo de papiro, também conhecido como *volumen*. O *volumen* tinha o formato de um rolo, o que tornava a sua consulta difícil uma vez que era necessário desenrolá-lo com as duas mãos, o que dificultava

ainda a leitura e não permitia ao leitor a possibilidade de tomar notas sobre o assunto acerca do qual se pretendia esclarecer. Foi entre que, nos séculos II e III da era cristã, o *volumen* foi sendo substituído pelo *codex*. Este era composto por um conjunto de folhas agrupadas dentro de uma capa, que no seu conjunto formavam cadernos. É através da implementação do *codex* que chegou até nós o livro. Estes dois suportes de escrita foram essenciais para chegar ao livro tal como hoje o conhecemos.

No Extremo Oriente o livro só se tornou conhecido no segundo milénio antes da nossa era. Antes do livro eram usadas tábuas de madeira que tornavam esta espécie de ‘livros’ de difícil transporte e consulta. Depois pensaram em seda, mas também não era uma opção viável devido ao elevado custo da matéria-prima, apesar de esta ser utilizada para obras mais luxuosas. Os chineses começaram então a colar as folhas de papel para que estas abrissem como um livro.

O início da produção do livro em papel que permitiu o crescimento e a generalização dos manuscritos. Esta invenção foi indubitavelmente uma das mais importantes descobertas e aquisições do homem. Agora já era possível transmitir e guardar informações importantes. Pensa-se que este material apareceu no ano 105 pela mão de Ts'ai Lun, não se sabendo ao certo se foi ele o inventor ou apenas a pessoa que trouxe a novidade. O papel tinha a vantagem de ser mais barato e era mais fácil de produzir do que o pergaminho.

Para fazer face à necessidade de produção de mais livros surgiu a imprensa, na Alemanha, entre 1440-1450. A prensa de imprimir foi inspiração de Gutenberg³, depois de ver as prensas de um lagar de vinhateiros. Apesar de ser ainda imperfeita, evoluiu com rapidez até ao século XVI. A invenção da imprensa veio revolucionar o meio de produção do livro graças a todas as inovações e diferentes técnicas que trouxe consigo. A evolução da imprensa fez com que o livro se fosse tornando mais desenvolvido, levando textos a todas as populações e não apenas a uma elite. Com a morte de Gutenberg, em 1468, havia já bastantes cidades onde a imprensa se tinha estabelecido.

O século XIX proporcionou ao livro uma expansão fenomenal com as técnicas saídas da Revolução Industrial. Foi nesta altura que o papel começou a ser fabricado mecanicamente. Um outro melhoramento foi a fotografia, que passou a fazer parte do livro.

Em pleno século XXI, assim como no século passado o livro é um bem adquirido sem o qual não nos imaginamos. Os meios informáticos vieram também dar a sua contribuição quer a nível de escrita de texto quer a nível de edição. Hoje em dia tiramos partido de todos estes

³ Gutenberg é descendente de uma família de ourives que estavam habituados às gravuras e também ao trabalho com metais e foi devido a estes factores que a tipografia começou.

melhoramentos e começamos a olhar para os que virão a fazer parte da história do livro daqui a alguns séculos.

Podemos assim dizer, que foi através da imprensa que as ideias se propagaram e também foi ela a responsável pelo conhecimento do mundo, pois permitiu a elaboração de mapas, alargando horizontes e mentalidades.

Assim como houve a evolução da escrita, que levou ao livro, também o livro levou às bibliotecas. Gaston Litton (1913:257) chega mesmo a afirmar que “a era moderna da História das Bibliotecas foi inaugurada quando os primeiros livros saíram das prensas de Gutenberg...”. Toda informação que se criou conduziu à necessidade de se desenvolverem locais onde esta pudesse ser armazenada para que as gerações seguintes tivessem conhecimento dos feitos dos seus antepassados, o Homem desde sempre teve a preocupação de guardar, conservar e preservar a informação, feitos históricos, tradições..., a prova disso está na criação das primeiras bibliotecas que foram surgindo quer na Grécia Antiga quer em Roma.

Foi durante o período helenístico que houve uma grande evolução no que diz respeito à difusão do livro e foi a partir daqui que nasceram as bibliotecas. São as bibliotecas que desempenham o papel fulcral na transmissão de textos e, também, na divulgação do livro. Nesta época existiam já duas bibliotecas em funcionamento. O *Museion* com cerca de 500 000 volumes, que acabou por ser destruída aquando da tomada de Alexandria, em 47 a. C., e o *Serapeion* que tinha cerca de 43 000 volumes e também foi destruída pelos cristãos em 391.

Quem teve a ideia para a primeira biblioteca pública foi Júlio César, mas, no entanto, este teve dificuldades devido às guerras civis que atrasaram os seus planos e foi Caio Asínio Polião que acabou por fazer a inauguração e construção da primeira biblioteca pública em Roma, entre 39 e 27 a. C.

Uma biblioteca ainda hoje falada é a de Alexandria que foi criada entre 325 e 246 pelos dois primeiros Ptolomeus com a ajuda de um ateniense chamado Demétrio de Falero. Após a destruição da biblioteca de Alexandria, pelos cristãos, foi a biblioteca do Ptolemaion que se tornou num ponto importante para a divulgação de textos. No ano de 377, Roma já possuía 28 bibliotecas públicas.

Na Idade Média, as bibliotecas mais importantes estavam nos mosteiros. Estas eram as principais fornecedoras das oficinas dos copistas. A biblioteca começou por ser apenas composta por livros de carácter essencialmente religioso, hoje, a biblioteca abrange todas as áreas. É claro que as universidades deram o seu contributo para o desenvolvimento das bibliotecas. As universidades, centros de aprendizagem e construção de saber, exigem e

necessitam de material de consulta, daí a necessidade de bibliotecas como centros fornecedores dessa documentação.

A sociedade de hoje está rodeada de informação obrigando a que a biblioteca e o bibliotecário tenham que ser mais meticolosos em relação ao papel que ocupam na sociedade. As transformações na sociedade ocorrem de forma tão rápida que é necessário a permanente actualização. Estas alterações, na sociedade, vão também alterar a forma como se efectuam as aprendizagens, quer ao nível da leitura, escrita e até comunicação. É com a frequência da biblioteca que se conseguem obter grandes benefícios para os cidadãos e até para a sociedade onde se inserem.

Os livros deixam de ser como tesouros protegidos já que não interessam apenas às elites, mas também começam a despertar a atenção das massas. Devem ser dados ao utilizador materiais auxiliares de pesquisa para o cativar, fazendo da biblioteca local de lazer. A biblioteca teve de acompanhar as inovações e matérias-primas que foram surgindo, por isso não tem só livros, mas também todo um outro conjunto de materiais transmissores de informação, como por exemplo, cartazes, mapas e revistas e toda uma vasta gama de material ligado à informática. São todos estes materiais que tornam a biblioteca tão rica. Assim, já não se espera que a biblioteca seja um local fechado mas um local aberto para o exterior. É preciso ver que se a biblioteca não for um espaço agradável, dificilmente o leitor deixa o conforto do lar por umas horas fechado num espaço com um amontoado de livros.

A biblioteca já não é encarada como um mero depósito de livros mas sim como um local onde se prestam serviços aos seus utilizadores. Podemos então dizer que as bibliotecas são recursos fundamentais e também fontes de riqueza, logo, há que saber tirar o melhor partido possível das mesmas. As Bibliotecas Escolares conseguem captar a atenção dos seus utilizadores através dos espaços agradáveis e também da facilidade com que se tem acesso à troca de informação e orientação dada pelo professor bibliotecário e sua equipa.

A necessidade de arrumação e ordenação provem da variedade de livros que começam a surgir. A mudança de leitores, que aumentam, levou a que as bibliotecas adaptassem uma orgânica de forma a facilitar a consulta da documentação. Independentemente da organização da biblioteca, ela deve ser simples e deve conter diferentes tipos de materiais, como revistas, mapas, sempre devidamente actualizados. Todos os materiais devem conter diversas opiniões e pontos de vista para que os utilizadores dos mesmos conheçam outras visões de comunidades diferentes. Todo o acervo disponibilizado pela biblioteca deve facilitar a aprendizagem não só dos alunos mas também de aperfeiçoamento dos professores. O espaço dentro da biblioteca é igualmente importante. O balcão de atendimento deve ser espaçoso,

para facilitar o atendimento dos alunos. Deve haver um espaço onde possa ser consultado e requisitado todo o material livro, como, revistas, jornais, livros. À parte deve estar também um espaço onde estejam todo o material informático e audiovisual.

É necessário ter em atenção os diferentes tipos de bibliotecas: públicas, especializadas, universitárias, escolares, digitais, virtuais... para que funcionem de acordo com o seu público mas possam ao mesmo tempo ser uma mais-valia umas das outras. A resposta à constante questão de mais conhecimento está na biblioteca. É quem mais informação permite reunir.

A Biblioteca Escolar não aparece só agora, ela surge da ideia de criar impacto na escola ajudando ao nível pedagógico para que os recursos da mesma possam ser aproveitados ao máximo. Num decreto de 17 de Nov. de 1836, a biblioteca escolar não é mais do que um auxiliar ao ensino. Depois de 1926 saem novas medidas para as bibliotecas escolares, dando-lhes alguma importância, ainda que pouca. Só depois de 1974 é que houve condições para melhorias na biblioteca escolar.

A nova visão da escola fala em ser o professor a deixar o papel principal na escola para passar a ajudar os alunos a gerirem os saberes que adquirem. Este facto acontece pois o professor passa a ser mais um recurso dentro da escola e não o único recurso da escola. Os alunos devem ser mais autónomos quer na busca do saber, quer nas informações que criam. Todas estas ideias levam a que se façam grandes mudanças, seja nos *currícula*, seja na organização de todos os espaços da escola. Hoje em dia, os alunos têm estilos de aprendizagem variados e nem sempre o espaço da sala de aula é suficiente para os estimular. Cada vez mais as aprendizagens estão dependentes de todas as tecnologias que nos rodeiam e que têm um enorme impacto nos jovens, como tal, é preciso abrir a sala de aula a aprendizagens mais autónomas, construtivas e até criativas.

A biblioteca vai perdendo espaço para a internet e para o meio audiovisual. No entanto, mesmo apesar de toda a informação que se pode encontrar na *web*, nem toda é confiável, não podendo, por este facto, ser devidamente aproveitada. Tendo em conta este facto, o livro continua assim a ser a fonte mais exequível de informação.

Para que pudesse ser dado o devido valor à Biblioteca Escolar, foi criada em 1996 a Rede de Bibliotecas Escolares, aproximando todas as escolas, para que com a troca de ideias se colocassem todas as Bibliotecas Escolares em evidência. Com esta Rede de Bibliotecas Escolares cumpriu-se o objectivo de haver em cada escola uma biblioteca e um professor bibliotecário, auxiliando este a dar mais importância à própria biblioteca.

Ao haver uma Biblioteca Escolar em cada escola esta está a preparar um conjunto de crianças para a sua vida futura dando-lhes ferramentas de pesquisa e transmitindo

conhecimentos que as vão acompanhar no seu percurso académico, ajudando-as na construção do conhecimento. Daí, Calixto (1996:15) dizer que “Começar um edifício pelo telhado é arriscado; no entanto há quem tente...” mencionando a importância da biblioteca escolar como ponto de partida para todas as outras bibliotecas, ideia corroborada por Nielsen quando diz que “The use of school libraries is the foundation for the use of all other libraries”.

É da Biblioteca Escolar o lugar de destaque na escola, pois segundo as directrizes da IFLA e UNESCO (2006:3) “A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos mais responsáveis.” Tem que ser ela a conseguir mobilizar toda uma escola para não se transformar numa sala cheia de livros, carregados de pó, onde ninguém quer entrar. Sendo a biblioteca escolar um recurso fundamental deve estar na base do sistema educativo e contribuir de forma significativa para um ensino de qualidade. É para desenvolver competências como a leitura, hábitos de pesquisa, capacidade de diálogo que a Biblioteca Escolar é tão importante. É a partir da biblioteca que se torna mais fácil o combate ao analfabetismo e à iliteracia. A biblioteca tem, ainda, como outros objectivos ajudar pais, professores e órgãos de gestão a cumprir a missão da escola; defender que o acesso à informação é a forma mais eficaz de desenvolver cidadãos responsáveis; apoiar os alunos nas suas aprendizagens assim como facultar oportunidades a todos de forma igual. A biblioteca passa a ter o papel de informar, transformar, formar. Informa na medida em que proporciona recursos, transforma pois junta todos os docentes de maneira a desenvolverem competências para melhorarem as aprendizagens e forma já que possui espaços que permitem a construção de conhecimento.

É na escola que as crianças tomam o gosto pela leitura e pelos livros, pois a biblioteca deve ser para realizar trabalhos mas também para quando as crianças desejarem. A Biblioteca Escolar prepara as crianças para que estas continuem a ser frequentadores assíduos de bibliotecas e para que continuem a praticar a actividade da leitura com gosto e de forma assídua. A escola já não é uma ilha isolada daí a biblioteca escolar ajudar as crianças na sua relação com o mundo exterior. Hoje em dia o grande desafio da biblioteca escolar é formar cada vez mais leitores mas leitores com qualidade capazes de dominar as técnicas e tecnologia presentes na biblioteca.

A Biblioteca Escolar para além das finalidades comuns a todas as bibliotecas tem a responsabilidade de atender um público mais específico. Cabe à biblioteca participar quer no Projecto Educativo, quer no Plano de Actividades da Escola, ajudando assim, a levar os alunos

a frequentar a biblioteca tanto para ler por prazer como para procurar a informação que necessitam. São cada vez mais os estudos que mostram que as bibliotecas escolares têm um impacto positivo nos alunos já que lhes dão ferramentas para melhorarem aprendizagens e com elas prosseguirem ao longo da vida.

Quem mais vai frequentar a Biblioteca Escolar são, sem dúvida, os alunos, mas também professores, encarregados de educação e restante comunidade educativa. A biblioteca presta ajuda a todos no esclarecimento de qualquer questão. Para uma maior dinamização da biblioteca deve haver participação de todos os que estão ligados à escola, pois só assim podem surgir ideias, fazendo perceber às crianças que a biblioteca é importante e que está na escola para os servir e ajudar.

Como nem todos têm acesso às mesmas oportunidades, no que respeita aos livros, é a biblioteca que acaba por servir de nível e proporcionar acesso, a todos de igual forma, independentemente, do lugar que ocupam na sociedade. Este facto é referido no Manifesto da Biblioteca Escolar “As bibliotecas escolares devem disponibilizar os seus serviços de igual modo a todos os membros da comunidade escolar, independentemente da idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e estatuto profissional ou social. Aos utilizadores que, por qualquer razão, não possam utilizar os serviços e materiais comuns da biblioteca, devem ser disponibilizados serviços e materiais específicos.”

Os recursos humanos da biblioteca são o elemento principal para o bom funcionamento da biblioteca tendo em conta que é o pessoal da biblioteca quem realiza o primeiro contacto com os utilizadores do serviço. Na escola, o professor bibliotecário é o responsável pela biblioteca, mas está dependente do orçamento, assim como do currículo e metodologias seguidas pela escola. Esta nas mãos do bibliotecário fazer com que a sua biblioteca esteja presente na vida das pessoas. Só quando há bons projectos que dinamizem a biblioteca, como sessões de leitura, apresentações de livros, “Hora do Conto”, feiras do livro é que as pessoas se deslocam à biblioteca percebendo que ela pode servir para as horas de lazer e não só por obrigação. Apesar de o professor bibliotecário ser o responsável, os outros professores também o devem auxiliar, eles constituem uma fonte de saber dentro da escola que está ao serviço de todos.

Este cargo deverá pertencer a um professor da escola pois o conhecimento da mesma, dos alunos, corpo docente e não docente, assim como o meio onde está inserida permite-lhe desenvolver melhor o seu trabalho. Este professor também deverá ser dinâmico, possuir conhecimentos de gestão e de leituras adequadas à faixa etária onde se encontra. Como cada vez mais as tecnologias invadem o nosso quotidiano, o professor bibliotecário deve dominá-las

para que possa ajudar alunos e professores a fazerem um bom uso das mesmas e aproveitando-as ao máximo para tratar a informação. É, ainda, da competência do professor bibliotecário:

“Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada; promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do Projecto Educativo, do Projecto Curricular de Agrupamento/Escola e dos Projectos Curriculares de Turma; assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à (s) biblioteca (s); garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca; (...).

Portaria nº756/2009de 14 de Julho

Para a IFLA/UNESCO (2006:13) o bibliotecário deve ter em conta os seguintes deveres:

“Analise os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar; formule e promova políticas para o desenvolvimento dos serviços; desenvolva políticas e sistemas de aquisição para os recursos da biblioteca; catalogue e classifique documentos e recurso em geral; forme para a utilização da biblioteca; forme nas competências de literacia da informação e de conhecimento da informação; apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da informação; dê resposta a pedidos de referência e de informação utilizando os materiais adequados; promova programas de leitura e eventos culturais; participe em actividades de planificação relacionadas com a gestão do curriculum.”

Directrizes da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Escolares

II - FORMAR LEITORES

“Formar leitores é bem mais difícil e moroso que construir Bibliotecas, e exige um trabalho aturado, a longo prazo, para o qual devem contribuir vários intervenientes, com destaque especial para a instituição escolar.”

Lino Moreira da Silva (s/d:74)

Hoje em dia, o termo “literacia” é muito usado e nem sempre compreendido. A literacia e a leitura estão ligadas já que a literacia é a capacidade que nos permite não só ler e escrever como apreender informações que nos rodeiam permitindo assim que o nosso discurso esteja adequado com o contexto em que nos encontramos no momento. Segundo Silva (s/d: 214): “... não se repara, muitas vezes, que uma boa parte dos leitores não lê, não por não gostar de ler, ou não ter interesse nisso, mas por não ter desenvolvido competências nesse sentido.” Esta capacidade permite-nos atingir determinados objectivos e construir conhecimentos. A literacia está presente na formação individual de cada um. O desenvolvimento desta capacidade é feito ao longo da vida, acompanhando as mudanças que surgem na sociedade e também em cada indivíduo. A literacia não é algo que se aprende de forma espontânea, é preciso um esforço por parte da criança, da escola e dos pais. Os pais devem ter um papel principal e ser os maiores entusiastas do desenvolvimento da literacia. As actividades que a criança desenvolve em casa devem ser convenientemente enaltecidas. Os pais também devem estar em contacto com a escola para perceberem o que aí é feito e serem assim ajudantes no desenvolvimento de uma literacia de sucesso e por esse mesmo facto não podemos limitar a criança a um ou dois materiais escritos, há que lhes dar a conhecer diversos suportes com informação e ensiná-las a trabalhar com eles da melhor forma para que deles possam tirar o melhor partido.

As experiências realizadas na escola, com o fim de desenvolver a literacia, devem ter significado e importância para as crianças, sendo assim necessário adequar os materiais às competências a serem trabalhadas. O facto de haver uma melhor percepção do aluno, no que respeita às aprendizagens efectuadas, permite-lhe ter uma compreensão do texto mais harmonizada, assim como também uma maior facilidade em questionar esse mesmo texto e o que pode estar por detrás do mesmo. O professor que pretende sucesso no desenvolvimento da literacia não se pode isolar e trabalhar sozinho, tem de haver uma colaboração de todos os outros professores e um conhecimento aprofundado dos alunos. A escola, como um todo, e os pais em casa devem funcionar em conjunto de forma a ser atingido o objectivo comum. Só

com todos os intervenientes devidamente envolvidos neste processo é possível haver sucesso quando se fala em literacia. Podemos ainda dizer que segundo Azevedo e Sardinha (2009:115): “...sem a entrada no mundo da literacia, jamais qualquer cidadão poderá ser interventivo, livre e, em consequência, feliz.”

A literacia crítica permite aos leitores ir mais além da simples leitura de um texto. A literacia crítica praticada na sala de aula leva as crianças a perceber que as suas vivências e saberes lhe dão capacidades para lerem para além do texto chegando assim a mensagens que nem sempre são explícitas. Assim sendo, não podemos falar em leitura sem falar em literacia e na importância que esta tem para a formação de leitores. Para um maior sucesso em termos de literacia é necessário deixar as crianças tomarem conhecimento com vários materiais de leitura de relevante importância para as crianças.

A leitura hoje não é feita da mesma forma que nos séculos passados e também já não esta exclusivamente ligada às bibliotecas. Ao longo dos tempos a leitura nem sempre foi bem vista. Por vezes, e durante alguns regimes bastante restritivos, ler era considerado perigoso e algo a combater, só assim era possível controlar massas sem que estas tomassem iniciativas que de alguma forma pudessem ir contra os regimes vigentes. Temos de referir que esta proibição servia para que alguns indivíduos tentassem encontrar condições para a leitura e assim esta fosse incentivada.

A leitura tem várias finalidades e funções. Através da leitura podemos comunicar, chamar a atenção, esclarecer, proibir. Assim, podemos viver em comunidade já que é através destas informações que nós tomamos conhecimento das regras sociais.

Expressar ideias e opiniões, transmitir cultura e conhecimentos é importante não só no nosso dia-a-dia mas também na escola nos apropriamos do conhecimento. Interagir com os outros é algo que fazemos normalmente e sem nos apercebermos. Trocamos mensagens, cartas, recados. Com a leitura também procuramos informações e compreendemos o sentido dos textos. Um bom livro permite-nos ainda viajar e conhecer novos povos, costumes e tradições. Esta é talvez a forma mais fácil de divagar sem ter de sair do conforto da nossa casa. Só a leitura nos proporciona todas estas vantagens, daí ser importante começar a incentivar as crianças desde cedo para este mundo cheio de descobertas para fazer. Contudo é preciso ter a consciência de que ler é algo complicado e que necessita de ser ensinado e bastante treinado.

Todos nós, em alguma situação do quotidiano recorreremos à leitura para decifrar as mensagens que nos são apresentadas. Esta atitude não nos pode rotular como bons leitores ou amantes da leitura. A nossa formação como leitores não se inicia na idade adulta, com a

chegada à universidade, mas sim em crianças, na creche, no Jardim de Infância e principalmente em casa, porque segundo Silva (s/d: 215-216): “ Existe toda a vantagem em que a família seja a primeira escola de leitura para as crianças, dando o exemplo, contando histórias e fazendo-as recontar, sugerindo pistas, ajudando a superar dificuldades, formulando comentários e sugestões, incentivando leituras renovadas.” Também é da mesma opinião Azevedo (2007:52): “A criança que vê os pais lerem e compreende o papel e a importância da leitura terá mais probabilidades de construir um projecto pessoal de leitor.” Os pais não podem esperar que seja a escola a educar as crianças, assim, também eles devem ler histórias levando ao contacto com o livro. É importante para as crianças começar a tomar consciência que os livros transmitem informação e conhecimento. A leitura de uma história ou um conto na hora de deitar pode levar à criação de hábitos de leitura. Podemos referir que não é por causa do tempo de escolaridade ter aumentado que os hábitos de leitura sofreram alterações. Para o provar existem vários estudos, como os PISA que mostram que nós não somos grandes leitores o que tem consequência na vida adulta e na forma como somos capazes de motivar os outros para a leitura, validando esta ideia Inês Sim-Sim diz: “Os adultos e jovens portugueses lêem pouco e mal, reforçando a evidência da causalidade recíproca, i.e., quem lê mal, lê pouco e quem lê pouco, lê mal.”

É certo que, por vezes, as nossas vidas não nos deixam tempo para a leitura ou simplesmente a leitura não é algo que nos interesse. A leitura é algo que nos pede alguma atenção e concentração ficando para segundo plano pois é vista como algo complicado depois de um dia desgastante.

Ler nem sempre é fácil já que é necessário mobilizar outros conhecimentos adquiridos com o passar do tempo e com próprio desenvolvimento da criança. Quando se ensina uma criança a ler tenta-se que a actividade da leitura seja trabalhada constantemente para assim se tornar num hábito futuro, contínuo e recorrente, Azevedo (2007:2) corrobora que: “ No ensino da leitura exige-se uma aprendizagem continuada e é melhor leitor aquele que conseguir hábitos de leitura para a vida”. Temos ainda de nos recordar que não há uma forma única para ensinar a ler, esta aprendizagem depende do ritmo da criança e também do professor. Assim, foi criado um Decreto-Lei com os perfis de desempenho profissional dos professores do 1º Ciclo que diz:

“promove a aprendizagem de competências de escrita e de leitura, mobilizando conhecimentos científicos acerca dos processos de produção e de compreensão de textos escritos e das suas relações com a comunicação oral” e (...) “incentiva os alunos a utilizar diversas estratégias de aprendizagem e de desenvolvimento da leitura em vários tipos de textos e com diferentes finalidades.”

Decreto-lei nº 241/2001

Hoje em dia os nossos jovens dispõem de todo um conjunto de tecnologias que os ajuda no seu desenvolvimento e na forma como interagem com as aprendizagens. Cabe ao professor ter estes factores em conta para que o conhecimento seja visto como uma vantagem e não mais uma facto a saber ou decorar.

Os jovens e crianças devem ler por gosto e não lhes deve ser inculcada a ideia de que só se lê ou por necessidade ou para estudar. A leitura serve para alargar conhecimentos, desenvolver capacidades e também para ocupar os tempos livres. Ao descobrirem o prazer de ler vão ganhar vocabulário já que rapidamente irão perceber diferentes significados de uma só palavra, conforme Azevedo (2007:16): “Fomentar o interesse e os hábitos de leitura dos alunos tem um efeito positivo na aquisição de vocabulário...” Ler aumenta o gosto pela leitura e pelo conhecimento. A biblioteca permite que a criança se torne mais independente, responsável e mais organizada e é uma porta aberta no apoio à leitura e aprendizagem.

O papel da leitura e das Bibliotecas tornou-se bastante importante pois há uma ligação entre todos os países quer da Europa, quer fora da Europa e estas ligações permitem perceber o que se faz e reflectir sobre o que ainda tem de ser feito. Esta partilha de ideias sensibiliza todos para a importância da leitura em qualquer idade.

A criação da Rede de Bibliotecas Escolares, em 1996, por parte dos Ministérios da Cultura e Educação, foi um marco importante para dar visibilidade às Bibliotecas dentro das escolas, já que como já foi referido estas nem sempre tiveram a importância devida. Esta “Rede” permite também uma maior ligação às Bibliotecas Municipais dando à escola uma maior abertura às comunidades mostrando que a Biblioteca e a Leitura devem ser valorizadas.

A Biblioteca Escolar pode dar a conhecer a sua importância através do desenvolvimento de actividades. Para uma maior dinamização da biblioteca deve haver participação de todos os que estão ligados à escola, pois só assim podem surgir novas ideias, fazendo perceber às crianças que a biblioteca é importante e que está na escola para os servir e ajudar. As actividades da biblioteca podem ser variadas. A biblioteca pode participar nas visitas de estudo ao dar informações sobre os locais a visitar; podem-se realizar feiras do livro envolvendo crianças e as famílias; pode preparar uma exposição com materiais realizados depois das leituras efectuadas dando a conhecer os livros lidos; pode ajudar nas pesquisas feitas na internet mostrando que há outras formas de aceder à informação; o melhor local para concursos de leitura é a biblioteca; pode promover sessões com escritores e ilustradores; é ainda a Biblioteca Escolar que apoia ao Projectivo e Plano de Actividades da escola. Desenvolvendo algumas destas actividades, a Biblioteca Escolar faz com as crianças comecem

a pensar que a ida à biblioteca não é uma perda de tempo, que era melhor utilizado no recreio com os colegas mas uma parceira que abre as portas a novas brincadeiras.

Hoje em dia a questão da importância da leitura não é o cerne da questão, o ponto fulcral está na variedade de suportes de leitura que temos ao nosso dispor. Independentemente dos suportes de leitura, a leitura nunca vai deixar de ser feita pois está presente em cada passo que nós damos.

É fundamental que o professor/educador esteja dentro do processo de leitura e o compreenda pois só assim pode ajudar os seus alunos a desenvolverem o gosto pela leitura mostrando-lhes textos do seu interesse e não apenas os de leitura obrigatória. É a motivação que faz com o aluno não desista da leitura com o passar dos anos. Podemos ver que quando as crianças entram para a escola o entusiasmo pela leitura é de tal forma avassalador que elas procuram tudo o que possa ter letras para poderem ler, é esta motivação que é necessário cultivar. Neste início da descoberta da leitura, as crianças abrem um novo mundo que as transporta para a fantasia e para o sonho. Cabe ao professor disponibilizar ao aluno formas de apreciar estas aventuras e sonhos.

Não tendo o Jardim de Infância um currículo com os restantes níveis de ensino, o Ministério da Educação faz uma proposta sobre as competências de leitura que devem ser privilegiadas nesta fase. É importante que no Jardim de Infância se preocupe em dar às crianças diversos suportes de leitura, ensinar comportamentos necessários para que a leitura seja eficiente, mesmo quando é feita pelo educador e mostrar a alegria que se pode ter ao ler um livro despertando assim as crianças para o gosto pela leitura. Mesmo não dominando a leitura a criança começa a desenvolver capacidades de leitura e com toda a certeza é capaz de contar a história que lhe foi lida oralmente.

O educador pode proporcionar várias actividades para a motivação da leitura. Observar a capa, o título e algum desenho vai provocar na criança o interesse sobre o conteúdo do livro. É comum nas salas dos Jardins de Infância haver tabelas com desenhos e algumas palavras que permitem às crianças identificar algumas regras e começarem a aprender a ver o texto como veículo de informação. A criança começa a ter noção da palavra, do texto, da forma como se escreve o texto. Actividades com lengalengas, rimas cantigas dão à criança a noção dos sons que lhe vão permitir o desenvolvimento para outro tipo de conhecimentos. Independentemente do educador planificar as actividades é bastante benéfico pois permite fazer uma avaliação da actividade e serve também para tirar conclusões para actividades seguintes.

É, ainda, importante dar espaço à criança para se exprimir. Este acto acontece geralmente numa manta com almofadas onde todas as crianças se reúnem para contar as suas experiências e histórias. Este espaço ajuda no desenvolvimento do vocabulário e na aquisição de outras palavras.

Os Tapetes Narrativos são bastante atraentes e apelativos. As crianças têm contacto com os livros e com as histórias num espaço acolhedor, tornando a leitura real. Como o espaço é reduzido, a atenção da criança está mais centrada e esta consegue compreender melhor o texto. Outra actividade bem aceite pelas crianças são os chamados Livros Grandes. Estas actividades são realizadas com livros de grandes dimensões, com histórias conhecidas, poemas, lengalengas, onde as letras impressas são bastante grandes de maneira a que possam ser vistas por todas as crianças numa actividade colectiva. Estes Livros Grandes podem ser construídos com as crianças para associar determinadas palavras a imagens, registar situações do quotidiano, fotografias de acontecimentos...

A leitura de histórias infantis possibilita à criança a sua própria identificação cultural e também a dos outros, assim como a compreensão de diferentes valores que levam ao posterior respeito pela diversidade. Estas histórias despertam na criança uma consciência cívica porque surge a curiosidade em conhecer o outro e as perspectivas do outro. Hoje em dia estes aspectos são cada vez mais importantes dadas as diferenças culturais, de nacionalidade e religiosas existentes nas salas de aula. O gosto das crianças pelas histórias deve-se ao facto de elas se poderem ver nas personagens e nos enredos porque, por vezes, há elementos que são comuns às suas vivências e o vocabulário utilizado é compreendido, sendo que algum já faz parte do seu quotidiano. O educador pode aproveitar as histórias para ir questionando as crianças sobre o que irá acontecer a seguir desenvolvendo-lhes a imaginação e criando gosto e entusiasmo pelo livro. É nestas idades que é preciso mostrar às crianças a felicidade de ler um livro para que olhem para eles como algo a desejar.

Uma actividade motivadora de leitura e que agrada às crianças, já no 1º Ciclo, é o Círculo de Leitura. Através desta actividade é possível desenvolver competências leitoras, o pensamento crítico, através da manifestação de opiniões, e até a capacidade de reflexão sobre os textos lidos. Os textos lidos dão às crianças vocabulário que por vezes não é usado no seu quotidiano. Os Círculos de Leitura funcionam com a turma, no seu todo, que é depois dividida em pequenos grupos. Cada grupo vai ler e debater as ideias com os colegas levando a que se crie uma maior proximidade com o livro e com o texto. Para um bom funcionamento do Círculo de Leitura é preciso ter em conta alguns aspectos como:

- ❖ Diferentes grupos com livros diferentes;

- ❖ Escolha do livro pelo aluno;
- ❖ Os grupos são rotativos;
- ❖ Prazo de leitura afixado com antecedência;
- ❖ A avaliação da actividade passa pela observação que o professor faz e pela auto-avaliação feita pelo aluno.

Há uma partilha de ideias com os colegas que mostram diferentes pontos de vista e divergentes reacções à leitura. É-lhes facilitado o conhecimento de outras formas de estar, outras culturas e diferentes sociedades. Esta partilha de ideias permite a aprendizagem e a compreensão de diferentes perspectivas, fazendo com que a criança cresça enquanto indivíduo.

A chamada literatura infantil é das primeiras tentativas que o leitor tem como tal. A partir dela pode ser mais fácil avançar para os outros textos que vão aparecendo. A literatura infantil também ajuda na divulgação de valores através dos diversos temas que apresenta. Como responsáveis por levar as crianças até à leitura não podemos ficar apenas pelos manuais escolares.

O manual escolar nem sempre respeita todos os níveis de capacidade leitora dos alunos, tornando-se para uns demasiado fácil e para outros demasiado difícil. É muito aborrecido abrir o livro no texto a seguir ao que foi lido na aula anterior e responder ao questionário sobre o mesmo. Quem tem maior dificuldade no acesso à literatura rapidamente a coloca em segundo plano, achando mais apetecível ver televisão ou jogar computador do que ler um livro. É nosso papel apresentar-lhes outros livros como policiais, aventuras contos... e não apenas os que são obrigatórios, para que não se passe a ideia de que ler é uma obrigação e deve também haver na aula um espaço com condições para a leitura, quer individual quer colectiva.

A leitura feita pelo professor, em sala de aula, com textos diversificados, permite que o aluno tome contacto com técnicas de leitura, facilitando assim a aprendizagem. A criança pode assim começar a criar o seu conhecimento distanciando-se do seu quotidiano e desenvolvendo um novo mundo de conhecimento. Para que tal actividade seja feita com sucesso, deve ser permitido ao aluno o diálogo sobre o livro/texto e até serem os próprios a escolherem as obras a serem trabalhadas na sala de aula ou em casa. Devem ser realizadas actividades de pré-leitura para levar os alunos a conhecer outros elementos que não apenas o texto saindo a turma beneficiada pela partilha de informações. Após a leitura é necessário verificar se as expectativas dos alunos foram atingidas, se não, tentar perceber o que falhou

para que da próxima vez a actividade tenha um sucesso pleno. A realização de trabalhos de avaliação depois da leitura desencoraja o gosto pela leitura.

Apesar de todas estas actividades terem como base a formação de leitores, é preciso ter em conta outras que pela forma como são realizadas vão criar aversão à leitura. Podemos destacar actividades como:

- ❖ Prolongar demasiado a leitura de um livro.

As actividades relacionadas com um livro devem ter em conta a adequação aos alunos e à sua idade.

- ❖ Divisão de um livro em partes sem que elas tenham sentido.
- ❖ Repetição das mesmas estratégias não tendo em conta os diferentes livros ou histórias.
- ❖ Não diversificar autores e tipos de texto.
- ❖ Fazer análises demasiado extensivas e com muitas fichas de trabalho.
- ❖ Não ter em conta os gostos ou interesses dos alunos.

Actualmente funcionam em várias bibliotecas Clubes de Leitura onde há grupos de pessoas que se juntam para partilhar ideias e conversas sobre as leituras feitas pelos mesmos. Os livros lidos são de interesse do leitor que ao expor as suas ideias pode levar outros ao interesse por diferentes géneros de livros, aumentando o interesse pela leitura como fonte de prazer.

Também através do Plano Nacional de Leitura (PNL)⁴, as escolas tentam incutir às crianças o gosto pela leitura. Para melhor motivar as crianças para a leitura, a escola, em colaboração com a biblioteca, pode organizar actividades em que sejam as próprias a criar os seus materiais de leitura pessoais.

A aplicação do PNL no primeiro ciclo está relacionada com orientações curriculares para a leitura de uma história todos os dias. É necessário, para tal, ter em conta os gostos e a faixa etária das crianças. Aconselham-se, para trabalhar os textos, criação de poemas, dramatizações, debates e outras actividades que despertem o interesse das crianças pela leitura. Numa segunda etapa o PNL será alargado ao terceiro ciclo e secundário.

A maior incidência de orientações para o primeiro deve-se ao facto de haver estudos que referem a as competências se adquirem com maior facilidade até aos 10 anos de idade, tornando-se, assim mais fácil a criação de hábitos de leitura para a vida.

⁴ Iniciativa do Governo e Ministério da Educação em conjunto com o Ministério da Cultura e Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares. Este projecto pretende dotar os portugueses de competências de leitura que lhes facilite o acesso à mesma em qualquer situação do quotidiano.

Em jeito de conclusão, podemos referir Daniel Pennac que diz que a leitura é fundamental. Ele dá-nos várias razões extremamente válidas para sermos amantes da leitura.

- “- Para aprendermos.
- Para termos sucesso nos estudos.
- Para estarmos informados.
- Para sabermos de onde vimos.
- Para sabermos quem somos.
- Para conhecermos melhor os outros.
- Para saber para onde vamos.
- Para conservarmos a memória do passado.
- Para esclarecermos o nosso presente.
- ...”

Pennac (2006:68)

Capítulo II

Análise do Programa Curricular da Disciplina de Língua Portuguesa

“ No espaço nacional, o Português é a língua oficial, a língua de escolarização, a língua materna da esmagadora maioria da população escolar e a língua de acolhimento das minorias linguísticas que vivem no País. Por isso, o domínio da língua portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício pleno da cidadania.”

Currículo Nacional (2001:31)

Análise do Programa Curricular da Disciplina de Língua Portuguesa

Nem sempre houve um Programa Curricular de Língua Portuguesa. Esta preocupação foi surgindo ao longo dos tempos com o evoluir de mentalidades. Em 1921, os programas escolares apenas referiam breves indicações para cada disciplina sem, no entanto haver uma distinção de actividades ou métodos a utilizar.

Os programas que surgiram entre 1936 e 1948 já indicavam conteúdos linguísticos e literários, assim como, indicações de natureza pedagógica e metodológica. Estes programas tinham uma forte conotação com o regime em vigor, dando a ideia de que é a escola que forma indivíduos com valores nacionalistas.

Já em 1960, os programas surgem com mais detalhe no que diz respeito aos conteúdos a trabalhar e às tarefas que os professores devem realizar. Os textos presentes neste programa já denotam uma mudança pois destaca-se a inteligência em vez da memória.

Em 1979, é disponibilizado ao professor uma lista de objectivos gerais, transversais às várias disciplinas do currículo. É com estes programas que a figura do professor se torna mais evidente.

No que diz respeito aos programas de 1991, houve uma abertura que permite ir ao encontro das necessidades dos alunos, das escolas e das turmas. Neste programa a Língua Portuguesa é valorizada pois mostra a nossa identidade e é mediadora entre todos e o mundo que nos rodeia. Este programa ainda hoje é usado apesar de em 2009 ter surgido outro. Todos eles ajudaram a compreender qual o melhor caminho a seguir para que os nossos jovens tivessem a formação a que têm direito e que lhes permite serem cidadãos informados.

A Biblioteca escolar só há poucos anos começou a ter um papel mais importante no seio da escola e da comunidade escolar. Também só há pouco se começaram a mudar mentalidades no que diz respeito à Biblioteca Escolar. A sala cheia de livros poeirentos onde ninguém queria entrar começou a ganhar vida.

No 1º Ciclo do Ensino Básico é importante as crianças estarem familiarizadas com a escola onde estão inseridas, assim como, todas as dependências da mesma. É neste espaço, que enquanto crianças, podem crescer e cimentar os conhecimentos adquiridos e até fazer novas descobertas. A Biblioteca deve, sem dúvida alguma, ser o coração da escola, só assim a criança se sente motivada desde cedo para a frequentar. Não podemos esquecer que para

tornar a Biblioteca Escolar num espaço agradável devemos ter diferentes áreas para diferentes actividades, espaços amplos, claros, confortáveis.

Este capítulo pretende analisar as directrizes do Ministério da Educação para mostrar como trazer a Biblioteca Escolar para dentro da sala de aula. Segundo o Ministério da Educação, há directrizes no programa do 1º Ciclo do Ensino Básico para as diferentes áreas da leitura e da escrita. São comuns aos 4 anos do ensino básico 3 áreas a ter em conta e a serem trabalhadas:

- ❖ Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura;
- ❖ Desenvolver competências de Escrita e Leitura;
- ❖ Utilizar técnicas de recolha e de organização de informação.

Este capítulo está dividido em 3 partes, correspondendo a cada uma das três directrizes acima referidas. Vamos iniciar este comentário pelo 1º ano do Ensino Básico, visto que há pontos em comum entre os diferentes anos lectivos. Vamos referir-nos a eles no final da directriz correspondente.

Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

1º Ano do Ensino Básico

Neste item temos de ter a conta a falta de motivação para a leitura é hoje uma realidade que não pode ser ignorada. Para este tópico do Programa Curricular o Ministério da Educação propõe:

- ❖ Localizar, em jornais, notícias, a partir de imagens.
- ❖ Comparar, em diferentes jornais, as mesmas notícias e as imagens que as ilustram.
- ❖ Localizar, em jornais, as páginas que indicam programas de televisão..., programas infantis
- ❖ Descobrir e localizar, em jornais e revistas, e através das imagens, um programa de televisão de que gosta.

Qualquer uma destas actividades pode ser feita na Biblioteca Escolar apesar de continuar a haver muitos professores a optarem pela sala de aula pois é um espaço onde é mais fácil

controlar as crianças. Certamente nos diferentes espaços da Biblioteca Escolar há um dedicado a revistas e jornais fazendo com que os alunos tenham a experiência de folhear vários jornais e revistas não ficando pelos exemplos que estão nos manuais escolares. Esta prática traz às crianças a noção de realidade deixando-as motivadas para novas descobertas.

Em comum com o 2º ano de escolaridade temos:

- ❖ Contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...).

Nada melhor do que a Biblioteca Escolar onde os alunos têm acesso a uma grande variedade de materiais escritos. Podemos levar os alunos à Biblioteca e em jeito de brincadeira fazer um jogo onde lhes é pedido para encontrarem os diferentes registos de escrita existentes. Permitimos, assim, às crianças conhecerem a sua Biblioteca.

- ❖ Experimentar múltiplas situações que despertem e desenvolvam o gosto pela Língua escrita (actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes).

Podemos recorrer à Biblioteca Escolar para mostrar a importância da escrita já que sem ela não teríamos todas as informações de que hoje dispomos.

- ❖ Ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos.
- ❖ Manifestar interesse por situações ou por personagens de histórias.
- ❖ Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir das suas ilustrações.

No 2º ano para este item fala-se também na análise do título e da capa como aprofundamento da actividade. O 3º e 4º anos também indicam estes itens para a análise de livros.

- ❖ Comparar as hipóteses levantadas com o conteúdo original (que ouve ler).

No 2º ano pede-se às crianças que para além de comparar, assinalem as semelhanças e as diferenças com as hipóteses que foram levantadas aquando da análise dos diferentes elementos do livro. No 3º e 4º anos é identicamente pedido que se faça a comparação entre o original e as hipóteses, assim como as semelhanças e diferenças. Como aprofundamento é ao ainda proposto ao mesmo ano:

- ❖ Fazer jogos de pesquisa de sentido (antecipar o desenlace de narrativas, propor um título para um texto, escolher, entre vários títulos, o mais adequado a um texto).

O professor pode partir de histórias que foram lidas às crianças e da observação que estas fizeram das imagens do livro e da capa e com as crianças ver quais as hipóteses que

efectivamente se realizaram e quais as que ficaram por realizar. As crianças, em diálogo, podem eleger a personagem preferida e a parte da história com a qual mais se identificam. Para que possa haver leitura de histórias, as próprias crianças podem ser convidadas a decorar um espaço para que elas se sintam confortáveis na Biblioteca quando lêem um livro.

- ❖ Experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de produção de escrita (recados, avisos, descobertas realizadas, convites, correspondência interescolar, correspondência com autarquias, bibliotecas, museus...).

No 2º ano referem-se ainda decisões tomadas, aprofundando os conhecimentos das crianças. No 3º ano dentro deste item são também referidas as notícias e relatos de visitas de estudo, experiências vividas, jornais de turma.

É fácil satisfazer este requisito. O professor pode começar, por em conjunto com as crianças, criar convites para sessões de leitura, avisos para os diferentes espaços da Biblioteca...

2º Ano do Ensino Básico

- ❖ Descobrir em jornais, que apresentam programas de televisão, o que há para além desses programas.
- ❖ Referenciar o tipo de jornal onde os programas estão inseridos (semanário, diário, jornal ou revistas da especialidade).
- ❖ Comparar, naqueles jornais, os lugares atribuídos a um determinado programa (tipo de letra e tamanho de letra, página, ilustrações).

Ir à Biblioteca Escolar é uma actividade que vai motivar as crianças por ser algo que não fazem no seu dia-a-dia. Na secção das revistas e jornais as crianças podem identificar os programas que costuma ver, identificar e aprender quais os diferentes tipos de jornais que existem. O tipo de letra, tamanho, e a composição de um jornal. Ao manusear os jornais é mais fácil às crianças fazer com não esqueçam estes conceitos e os consigam identificar em situações futuras.

3º e 4º Anos do Ensino Básico

Neste caso os aspectos não há divergências de itens. O 4º ano de escolaridade funciona como uma continuação do 3º ano, tendo o professor que aprofundar os conhecimentos adquiridos no ano anterior.

- ❖ Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos

de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).

- ❖ Escrever individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras...).
- ❖ Seleccionar, em livros, textos que correspondem às temáticas das produções por iniciativa própria.
- ❖ Praticar a leitura por prazer (actividades de biblioteca de turma, de escola, municipais, itinerantes).
- ❖ Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para o grupo, para um companheiro, para o professor).
- ❖ Responder às perguntas dos ouvintes.

Pode ser permitido às crianças, numa sessão de leitura, na Biblioteca Escolar ver a importância da Escrita por prazer. Para motivar as crianças e tornar a escrita um hábito, o professor pode começar por dar pequenos temas ou deixa-los escolher. Ler os textos aos outros e ouvir as suas opiniões vai permitir que surjam novas ideias para novos textos.

- ❖ Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos e histórias completas).
- ❖ Recontar um livro ou um texto que leu individualmente, em casa ou na biblioteca.

O professor deve partir de uma história lida e que tenha agradado às crianças para criar um texto de teatro. Para tornar a situação mais aliciante, podem criar-se fantoches e fazer uma apresentação a outra turma à escolha ou à escola.

- ❖ Organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (temática, prosa, poesia).

Numa visita à Biblioteca Escolar as crianças podem realizar um jogo para descobrir a organização dos textos segundo os vários critérios existentes.

- ❖ Ler, na versão integral e por escolha própria, livros e outros textos.
- ❖ Relacionar livros e outros textos com as suas vivências escolares e extraescolares, com os seus gostos e preferências.

Quando vão requisitar livros, as crianças escolhem de acordo com os seus gostos, só assim vão efectuar uma leitura por prazer e não por obrigação. As leituras escolhidas vão ser mais significativas pois vão estar relacionadas com as suas próprias experiências.

- ❖ Registar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir.

Todas as crianças gostam de ouvir as histórias que são contadas pelos mais velhos. Devem registar estas histórias e comparar com as dos colegas.

- ❖ Ler e interpretar textos narrativos e poéticos.
- ❖ Estabelecer relações de sinonímia e antinomia para aprofundar a compreensão do texto.
- ❖ Descobrir, num contexto, o sentido de palavras desconhecidas.
- ❖ Estabelecer a sequência de acontecimentos.
- ❖ Localizar a acção no espaço e no tempo.
- ❖ Praticar a leitura dialogada, distinguindo as intervenções das personagens.
- ❖ Apreender o sentido de um texto no qual foram apagadas ou semiapagadas palavras ou letras.

Sendo crianças já com alguma maturidade, estão abertas a textos mais complexos e que lhes permitam outras aprendizagens. Partindo de um texto, que até pode ser escolhido pelos alunos, o professor pode facilitar a aprendizagem de vários conceitos, como por exemplo, o tempo, espaço, intervenções no diálogo...

- ❖ Conhecer em jornais, que apresentam programas de televisão, os símbolos que assinalam uma emissão de qualidade, medíocre ou má.
- ❖ Comparar, em dois jornais diferentes, os símbolos que classificam o mesmo programa.

Como já foi referido, o manuseamento de jornais torna-se bastante mais interessante do que a análise dos exemplos que vêm no manual.

Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura

1º Ano do Ensino Básico

- ❖ Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura (participar no registo escrito de experiências vividas ou imaginadas, correspondência...).

No 2º ano acrescentam-se actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes.

Pode haver correspondência entre várias turmas onde elas comunicam aos colegas os acontecimentos que irão acontecer no seio da turma, estes contactos devem ser estendidos há Biblioteca Escolar para esta se inteirar das actividades realizadas na escola.

- ❖ Relacionar produções orais dos alunos com a sua forma escrita (discursos do quotidiano, histórias).

Aqui o professor pode pedir à criança que escreva o acontecimento que acabou de relata.

- ❖ Experimentar múltiplas situações de descoberta, de análise e de síntese, a partir de textos, de frases, de palavras.
- ❖ Reconstruir o texto com expressões ou com palavras recortadas, em presença do modelo, sem a presença do modelo, no quadro de pregas, no flanelógrafo, nos cadernos.
- ❖ Coleccionar as palavras descobertas e reconhecidas.
- ❖ Construir novos textos com expressões ou palavras já recortadas.

No cantinho das revistas e jornais na Biblioteca as crianças podem recortar várias palavras e com elas descobrir outros sentidos. Podem também ter um artigo de jornal com palavras em falta e descobrir as que aí se adequam.

- ❖ Descobrir expressões iguais ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções.
- ❖ Reconhecer expressões ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções.
- ❖ Comparar textos, expressões e palavras, a fim de descobrir semelhanças e diferenças nos aspectos gráfico e sonoro.

A maioria das histórias tem expressões e palavras em comum, como por exemplo: “Era uma vez...”, partindo deste exemplo que é o mais habitual podem pedir às crianças que encontrem outras palavras e expressões comuns a várias histórias e ver também como se apresentam tanto em som como em aparência.

- ❖ Descobrir elementos comuns a várias palavras.
- ❖ Construir palavras por combinatória de elementos conhecidos.
- ❖ Construir listas de palavras que contenham elementos conhecidos (a mesma sílaba, inicial... média, ou final...).
- ❖ Realizar jogos de substituição de letras ou de sílabas para formar outras palavras (com letras móveis, sem letras móveis).
- ❖ Realizar jogos de comutação de letras para formar outras palavras.

O professor parte da leitura de uma história e selecciona várias palavras para que as crianças possam comparar, trocar, substituir... Depois de percebidas as várias hipóteses podemos pedir que escolham algumas palavras para construir uma rima.

- ❖ Produzir textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, discursos do quotidiano, de carácter utilitário, a partir de palavras ou de imagens).

- ❖ Ler textos produzidos por iniciativa própria (para toda a turma, para um grupo, para um companheiro, para o professor).
- ❖ Praticar o aperfeiçoamento de textos, em grupo, com o professor, e integrá-los em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar...).

As crianças podem escrever as actividades de fim-de-semana e os que gostam mais de escrever podem ter um caderno onde vão anotando as aventuras vividas e imaginadas para lerem aos colegas mobilizando-os para o mesmo. Algumas dessas aventuras podem fazer parte do jornal da escola ou da turma, de maneira a que as crianças aprendam a enriquecer os seus textos quando há um público mais abrangente à espera de os ler.

- ❖ Ler livros ou textos adequados à sua idade e nível de competência de leitura.

Neste tópico, no 2º ano pede-se a leitura integral de histórias ou livros.

- ❖ Relacionar textos lidos com as suas vivências escolares e extra-escolares.

Os livros requisitados na biblioteca devem ser escolhidos pelas crianças para servirem como motivadores de leitura pois é com eles que elas se identificam.

Em comum com o 2ºano temos:

- ❖ Experimentar diferentes tipos de escrita requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de actividades e de projectos em curso (escrita do nome próprio, nome completo, nomes dos companheiros, registo de presenças, de tarefas, de aniversários, etiquetas, avisos, recados, convites, correspondência, relatos de visitas de estudo).

O professor pode criar na sala uma tabela onde se anatem aniversário, identificação das crianças para os cabides, avisos com as regras dentro da sala e na Biblioteca Escolar.

- ❖ Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (cada aluno ter um caderno onde possa fazer tentativas de escrita, garatujar, escrever como souber, o que quiser, quando quiser).

Os desenhos animados que são vistos pelas crianças podem ajudar como rampa de lançamento para escrever, mesmo que de forma errada, e assim desenvolver o gosto pela escrita.

- ❖ Construir rimas ou cantilenas a partir de palavras conhecidas.

Cada criança elege algumas palavras de revistas, histórias para com elas formar uma rima. Deve haver um placard onde colocar as várias rimas, para todos verem.

- ❖ Ler textos produzidos pelos companheiros, pelos correspondentes (para o professor, para um grupo, para um companheiro).

Quando houver correspondência com outras escolas sobre eventos a realizar, esta pode ser lida pela criança que efectuou a ligação, para conhecimento de todos. No 2º ano deve, segundo o descrito no currículo, haver uma apreciação desses mesmos textos feita pelos colegas.

- ❖ Identificar personagens e acções.
- ❖ Recriar textos em várias linguagens (recontar histórias, dramatizar histórias).

Na leitura de um texto ou uma história há sempre personagens que se destacam, pelo bem ou pelo mal. As crianças podem fazer as suas descrições e transformar o texto num outro tipo de texto, como um conto, um teatro. No teatro podem ser feitos os cenários na Expressão Plástica. Como complemento, no 2º ano é igualmente pedida uma recriação não só do texto mas também das personagens.

2º Ano do Ensino Básico

- ❖ Produzir textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, sugeridos a partir de uma imagem, de imagens em sequência ou desordenadas, a partir de palavras dadas...).
- ❖ Reconstruir textos com frases em desordem.
- ❖ Apreender o sentido de um texto eliminando uma frase fora do contexto («frase pirata»).
- ❖ Apreender o sentido de um texto com lacunas.
- ❖ Praticar jogos de palavras (palavras com letras ou sílabas desordenadas para formar palavras com sentido, palavras com uma letra «pirata» e formar uma palavra com letras «piratas»).
- ❖ Fazer jogos de substituição, de comutação e de combinatória de letras e de sílabas (a partir de enganos, de trocas de letras, explorar situações de «nonsense»).

Pode ser dada às crianças uma imagem da capa de um livro e partir daí para uma história, ou dar palavras para eles completarem de forma correcta a mensagem que a capa do livro revela.

3º e 4º Anos do ensino Básico

- ❖ Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (com toda a turma, em pequeno grupo), questionando o autor do texto, emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.

- ❖ Participar na reescrita do texto, confrontando hipóteses múltiplas, tendo em vista o seu aperfeiçoamento (organização das ideias, supressão de repetições desnecessárias, adequação do vocabulário, adjectivação, formas básicas da ortografia, da acentuação, do discurso directo).
- ❖ Participar na comparação entre o texto original e o texto trabalhado.
- ❖ Registar (por cópia ou por ditado, na imprensa, no limógrafo, no computador...) o texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica, e integrá-lo em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar).

Ao escrever para o jornal da escola ou de turma e até outras comunicações, as crianças percebem, como já foi referido, a organização do texto e as formas de o aperfeiçoar.

- ❖ Construir livros de histórias com os seus textos, com textos de companheiros, de correspondentes, de escritores...

Com os textos que as crianças vão escrevendo podemos fazer uma compilação e depois dar um exemplar a cada criança. Este servirá de motivação para continuarem a escrever.

- ❖ Exercitar-se, em momentos de trabalho individual, na superação de dificuldades detectadas (organização das ideias, pontuação, vocabulário, ortografia...), através de fichas autocorrectivas ou outras.

Quando pedimos às crianças para escrever um texto é normal que elas sintam alguma dificuldades várias, para tal podemos dar fichas em que explicamos como fazer e até soluções para exercícios realizados.

Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

1º e 2º Anos do Ensino Básico

- ❖ Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de enciclopédias, textos...).
- ❖ Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).

Estes tópicos, acima referidos, são comuns ao 3º e 4º anos de escolaridade.

- ❖ Construir um dicionário ilustrado, organizando-o segundo critérios combinados (temática, ordem alfabética...).
- ❖ Consultar listas de palavras organizadas segundo critérios diversos.
- ❖ Consultar ficheiros de imagens.
- ❖ Consultar o dicionário ilustrado.

O professor da turma, em conjunto com o professor bibliotecário, pode pedir a ajuda das crianças para organizar uma prateleira da Biblioteca Escolar. Pode, ainda, ser dada às crianças a hipótese de requisitarem um livro e aprenderem a consultar os catálogos e ficheiros da Biblioteca. Para os mais pequenos pode haver um dicionário ilustrado para facilitar a ida à Biblioteca.

3º e 4º Anos do Ensino Básico

- ❖ Organizar um índice da documentação.
- ❖ Construir materiais de informação, consulta e estudo, listas de palavras, dicionários ilustrados, prontuários ortográficos para a recolha de regularidades e de excepções da Língua «descobertas» no trabalho de aperfeiçoamento do texto.
- ❖ Recorrer à consulta de prontuários para procurar soluções para dúvidas levantadas na produção de escritos.
- ❖ Descobrir critérios de organização de dicionários.
- ❖ Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...

No 4º de escolaridade está também incluída a consulta a listas de palavras, sendo que esta é necessária para a aprendizagem na consulta a dicionários, enciclopédias e outros meios.

Dentro de cada sala podem ser criados dicionário e enciclopédias com os vários temas tratados na turma. Esta não é uma actividade exclusiva da Língua Portuguesa, os professores das outras áreas devem estar envolvidos, pois só com todos, a ida à Biblioteca Escolar é algo a manter. Uma correcta utilização do dicionário e enciclopédia ajuda o aluno a desenvolver os seus conhecimentos e competências.

Concluimos com a análise do Programa Curricular de língua Portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Básico que os conteúdos relativos há utilização da Biblioteca Escolar já existem, apenas não são aplicados na maioria dos casos. É necessário motivar não só alunos mas também professores para a frequência da Biblioteca Escolar. Sabemos que por vezes não é só a falta de motivação, a falta de verbas e de espaço podem não permitir uma biblioteca devidamente apetrechada e confortável. É comum em escolas mais antigas aproveitar uma sala que acaba

por nem sempre estar aberta fazendo com que todos se esqueçam do que está detrás da porta. É claro que esta é uma situação que está a mudar. O Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares vieram impulsionar as Bibliotecas Escolares e conseguir que elas se transformem realmente em Bibliotecas.

Ir à Biblioteca Escolar não serve só para sair da sala de aula, serve para dar meios aos alunos para que desenvolvam a sua autonomia e responsabilidade que lhes vai ser pedida na continuação da sua escolaridade. Todo o trabalho e tarefas desenvolvidas pelas crianças, em conjunto com os professores, ao longo dos quatro anos de escolaridade, servem para que os alunos adquiram competências em várias áreas do saber. Assim, segundo o Currículo Nacional, no fim do Ensino Básico o aluno deverá ser capaz de:

1. Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;
2. Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;
3. Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;
4. Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;
5. Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem, adequadas a objectivos visados.
6. Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;
7. Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;
8. Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;
9. Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;
10. Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.

Capítulo III

Guião de actividades das histórias “ O meu pai e eu” de Maria Tereza Gonzalez e “O Ciclo do Mel” de Cristina Qental e Mariana Magalhães

“Os livros de histórias são uma potencial mais-valia na compreensão do mundo e no acesso aos mundos possíveis”

Azevedo e Sardinha (2009:51)

“O livro de histórias pode e deve ser olhado como um ponto aglutinador de aprendizagens.”

Azevedo e Sardinha (2009:52)

A biblioteca escolar não pode ser apenas uma porta aberta por onde as crianças todos os dias mas não se sentem motivadas a entrar. É principalmente aos professores da escola que cabe o papel de mostrar que a biblioteca pode ser um local de brincadeira, aprofundamento de conhecimentos e descobertas.

A biblioteca deixou de ser um espaço reservado apenas aos livros, actualmente há cada vez mais tecnologias ao dispor dos leitores. Com esta evolução torna-se mais fácil cativar atenções e prender novos utilizadores. Cada novo leitor é capaz de saciar a sua vontade de saber e também de levar novos leitores à descoberta desta biblioteca que pode ser uma fonte de aventuras.

As actividades realizadas no espaço da biblioteca têm de ser incluídas no funcionamento das aulas, os professores não podem ser os primeiros a ignorar a biblioteca porque lhes é mais difícil controlar as crianças ou até porque exige mais trabalho para além do que já têm. Com as indicações do Plano Nacional de Leitura, os professores detêm um conjunto variadíssimo de livros à escolha para adequar ao meio e às crianças a quem leccionam. Este conjunto de materiais já reunidos e acessíveis só facilita a adesão à leitura como tarefa mais agradável e fácil.

Uma actividade a realizar na Biblioteca Escolar tem de ter fundamento e uma finalidade. Não podemos utilizar a Biblioteca só para dizer aos colegas que se levaram as crianças à biblioteca. Cada história deve estar relacionada com um tema a trabalhar na sala de aula, que se inclua nas vivências das crianças e que as ensine a reagir a determinadas circunstâncias. Dependendo do teor da história é possível trabalhar os vários temas que devem ser tratados. Podemos reunir um conjunto de materiais como jornais, revistas, CD's para os alunos disporem de vários materiais para trabalharem.

No Estudo do Meio é possível trabalhar temas como a Natureza, o corpo humano, os transportes...; na Matemática podemos aproveitar formas geométricas que estejam presentes nas várias imagens, resolver problemas do quotidiano; na Expressão Plástica é só dar asas à imaginação e construir cenários, personagens. Temos de deixar de lado a ideia de que os livros, as histórias são responsabilidade única da Língua Portuguesa. É preciso mudar mentalidades para se olhar a Biblioteca como um benefício para todos e não só para alguns.

O guião de actividades sugerido para a história “ O meu pai e eu” de Maria Tereza Gonzalez é apenas um exemplo de uma actividade simples que pode ser o ponto de partida para as idas à biblioteca e até para outras ideias que forem surgindo e que de alguma forma sirvam para dinamizar a biblioteca escolar e a própria escola, envolvendo não só alunos mas também os professores e restantes membros da comunidade escolar. Através da história

tratamos temas relacionados com a família e actividades que podem ser realizadas em família ou até com colegas.

A história “o Ciclo do Mel” de Cristina Quental e Mariana Magalhães já é uma actividade um pouco mais elaborada pois permite trabalhar em mais áreas e mais conteúdos. Para além de nos ensinar o ciclo do mel, é possível tratar temas como as profissões, os animais. As duas histórias mostram que ir à biblioteca não tem de ser complicado e difícil. Com uma pequena história conseguimos uma actividade diferente das realizadas na sala de aula e mostramos que é importante a presença da biblioteca e da leitura na escola.

Em todas as escolas é hábito haver festas ao longo do ano, seria interessante haver dramatizações, leitura de histórias e poemas dentro da biblioteca para mostrar aos pais que a biblioteca é um espaço importante para a escola e para todos os que dela desfrutam.

Actividades a realizar

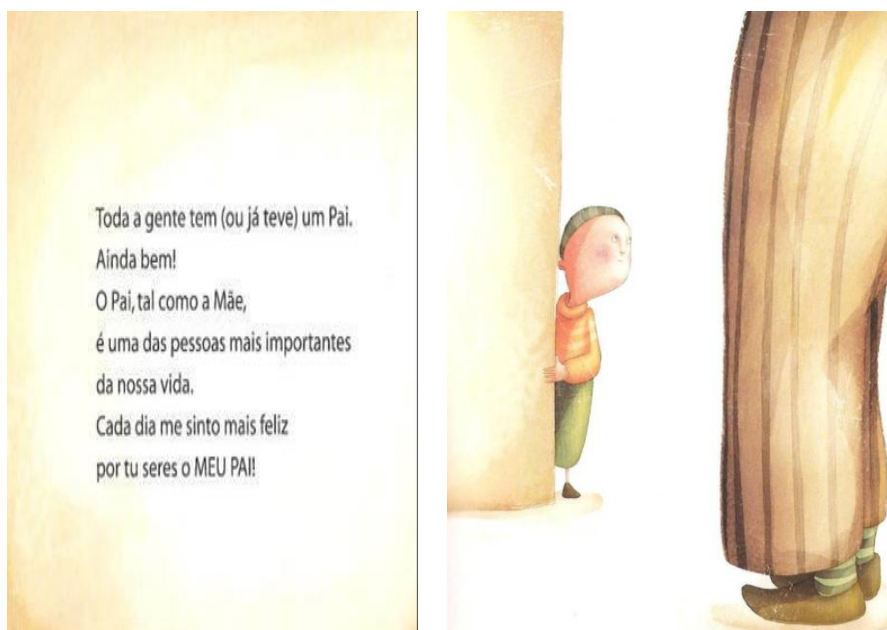
Preparar um espaço na biblioteca onde se possam passar diapositivos e onde as crianças estejam confortáveis. Geralmente as crianças acham interessante uma manta no chão com almofadas, um espaço acolhedor que lhes permite mais liberdade e mobilidade do que a sala de aula.



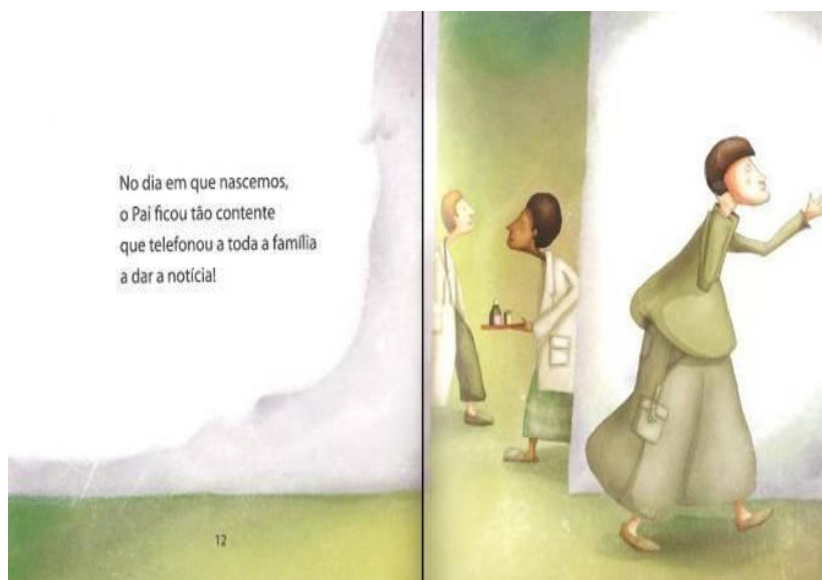
- ❖ Mostrar a capa do livro sobre o qual vão trabalhar.

Em diálogo com as crianças analisar a imagem e tentar adivinhar o tema da história. Falar do papel da família e sua importância, assim como o papel do pai. Cada criança pode tentar com uma palavra definir o seu pai.

- ❖ Cada criança pode ler um pedaço da história, no caso de alunos do 1º ano deve ser o professor a ler a história.
- ❖ Esclarecer as dúvidas de vocabulário que possam surgir.

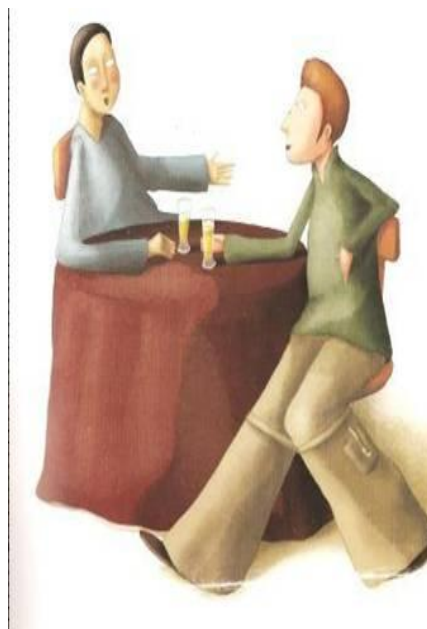


- ❖ Havendo crianças que por algum motivo não tenham o pai presente, conversar com elas de maneira a que não se sintam excluídas da actividade.



Quando dissemos
a nossa primeira palavra,
o Pai foi logo contar a novidade
a toda a gente que conhecia
(e era a palavra «Mamã»!)

14



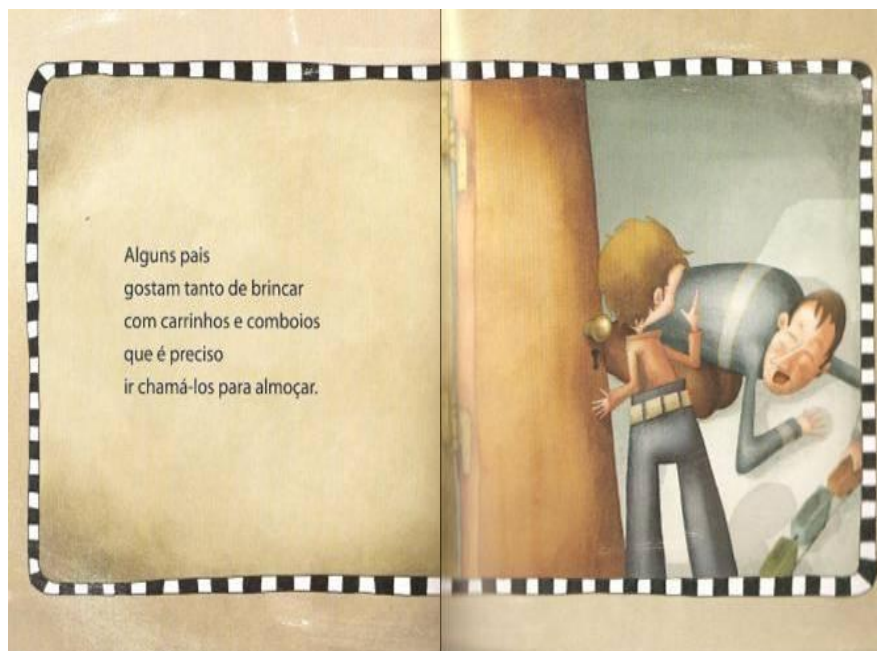
O Pai costuma passar
muitas horas fora de casa:
umas, a trabalhar, e, outras,
nas filas de trânsito; por isso,
quando sai de manhã,
já vai cansado...

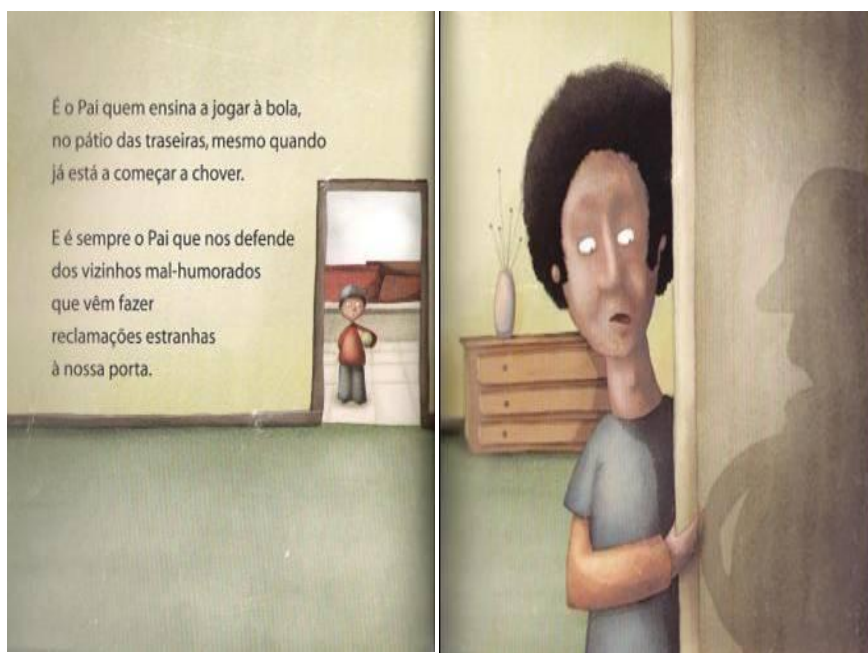
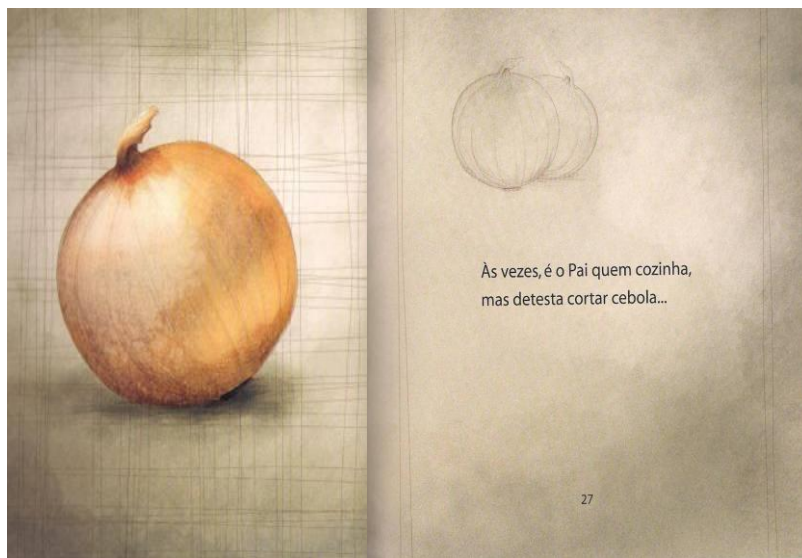
Ao fim do dia, o Pai regressa a casa
e vai logo ligar a televisão para ouvir as notícias.

16















- ❖ Depois de lida a história, aproveitar esta imagem para falar das actividades feitas com o pai.
- ❖ Fazer um desenho da actividade favorita feita com o pai.
- ❖ Os desenhos devem ser colocados num espaço da biblioteca onde todos possam ver o que a biblioteca proporciona, servindo assim de motivação para os outros professores e crianças.





- ❖ Pedir às crianças para recontar a história.

Cada criança pode ainda escolher uma imagem com a qual se identifique e daí partir para a criação de história, que pode ser ilustrada e apresentada ao resto dos colegas e até ao resto da escola. Partindo desta história podem ser feitos vários fantoches que irão servir para um

pequeno teatro apresentado na biblioteca para as outras turmas. Esta actividade pode servir para lançar um desafio de criação de fantoches sobre outras histórias lidas na Biblioteca Escolar. No final do ano, podem seleccionar-se vários fantoches e criar uma história nova para apresentar, por exemplo na festa de final de ano. Este tipo de interacção entre a biblioteca e a Expressão Plástica pode ser o elo de ligação entre a leitura, e biblioteca e o divertimento que dela pode surgir.

Para terminar a actividade deve ser permitido às crianças requisitarem um livro à sua escolha. As datas estipuladas para requisição de livros devem ser cumpridas para as crianças terem noção da responsabilidade que lhes é entregue quando escolhem um livro para ler.

Depois da leitura do livro e de todas as actividades (para facilitar a professora pode colocar novamente a imagem da capa para que as crianças retirem os dados necessários). Esta pequena ficha deve ser guardada com a criança para que ela vá tendo a noção dos livros que já conseguiu ler.

Nome do livro: _____

Autor: _____

Resumo da história: _____

Gostei? ___ Não gostei? ___

Porquê? _____

Actividades a realizar



No Jardim de Infância podemos trabalhar esta história pedindo às crianças para analisar as imagens e conversarem sobre elas e dar opinião sobre a história. Podem, ainda, fazer um cartaz com animais que conheçam e outras profissões, colocando-o num local de destaque na sala. Não havendo alergias podemos fazer um lanche diferente com torradas e mel.

No 1º Ciclo já é possível fazer uma observação da capa mais pormenorizada e pedir às crianças que nos digam os vários elementos que a compõem.

Título da história.

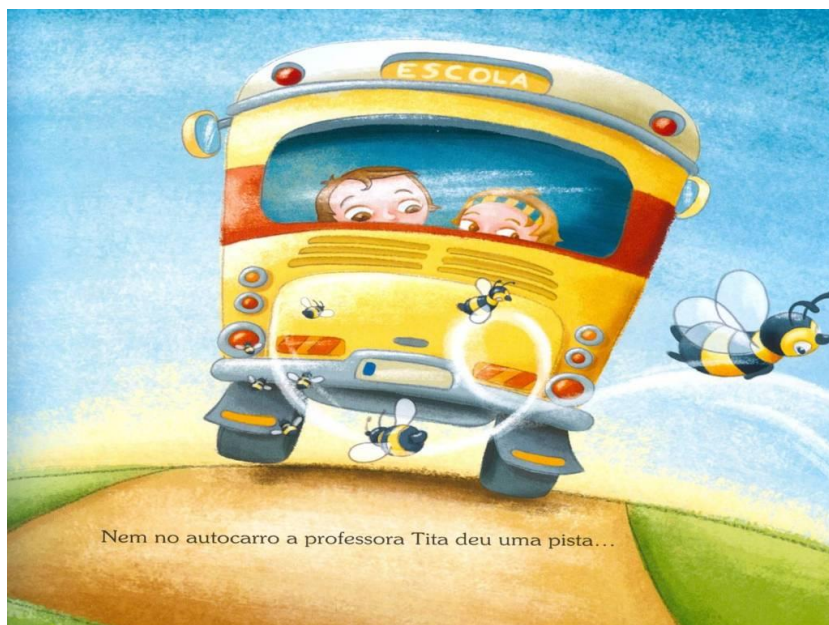
Quem é o autor?

Quem é o ilustrador?

Quais as cores da capa? O que nos sugerem?

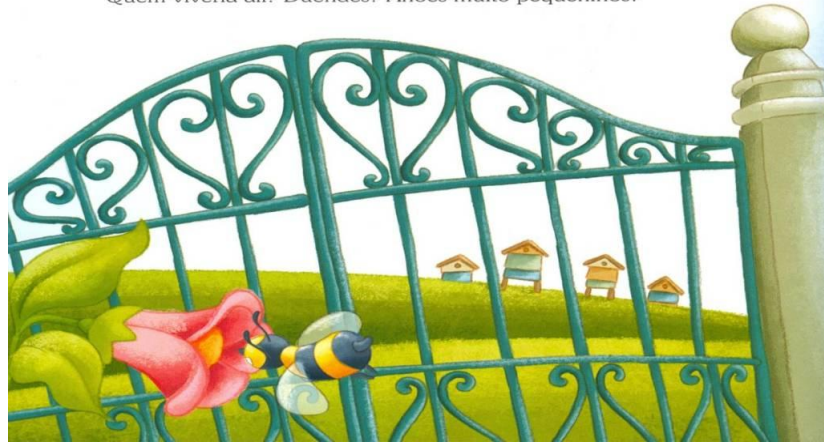
Ao analisarmos estes elementos, vamos levantado hipóteses sobre o conteúdo da história, personagens envolvidas...

O professor pode ler a história ou pedir às crianças que o façam à vez. Deve ser sempre esclarecido o vocabulário mais difícil.



Quando o autocarro parou, viram um grande portão. O que estaria do lado de lá?

Do outro lado havia plantas e, ao fundo, viam-se umas casinhas pequenininhas e que pareciam ser feitas de gavetas. Quem viveria ali? Duendes? Anões muito pequeninos?



De repente, apareceu junto deles uma pessoa vestida de uma forma estranhíssima: usava um fato branco com um chapéu esquisito que tinha uma rede à frente da cara.

O que seria aquilo tudo?



— Olá, eu sou o Antero, o apicultor e vocês devem ser os alunos da professora Tita.
— Apicultor? O que é isso? — perguntou o Miguel.
— Não sabem o que é um apicultor? Já vão perceber, mas antes têm de se equipar. Agora vão pôr um chapéu igual ao meu e umas luvas iguais às minhas.



Cada vez mais curiosos, lá se equiparam.



— Agora não façam barulho — disse o Antero — para não assustarem os habitantes daquelas casinhas.

Quando se aproximaram, ouviram um zumbido muito forte Zum, Zum, Zum...



Eram abelhas! Milhares de abelhas...

— Agora que já descobriram quem aqui mora! — disse o Antero, baixinho — vou dizer-vos como se chamam as casinhas, são colmeias.

— Podemos abrir uma para ver como é por dentro? — perguntou o Francisco.

— Aqui não, porque as abelhas zangam-se e podem picar-nos. Mas ali na casa da quinta temos uma colmeia com uma parede de vidro. Venham comigo.



— Aqui podem conhecer o ciclo do mel, sem o perigo das ferroadas.

Dentro da colmeia havia uma grande animação! Eram tantas abelhas e andavam todas muito atarefadas à volta de uns quadros cheios de buraquinhos. O Antero disse serem os favos, onde as abelhas fazem o mel.



Partindo da observação desta imagem, as crianças podem, na Expressão Plástica fazer uma colmeia. Podem aproveitar garrafas de água vazias, cartões que podem modelar para terem a forma que pretendem. Para criarem as abelhas podem trabalhar plasticina colorida ou barro e depois com tinta pintar.

— Então e as outras como é que fazem o mel? — perguntou a Leonor.

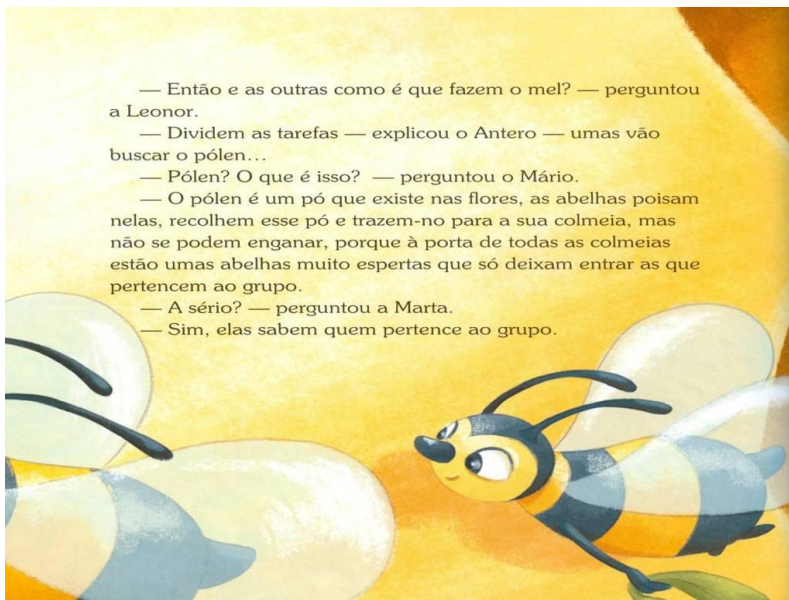
— Dividem as tarefas — explicou o Antero — umas vão buscar o pólen...

— Pólen? O que é isso? — perguntou o Mário.

— O pólen é um pó que existe nas flores, as abelhas poisam nelas, recolhem esse pó e trazem-no para a sua colmeia, mas não se podem enganar, porque à porta de todas as colmeias estão umas abelhas muito espertas que só deixam entrar as que pertencem ao grupo.

— A sério? — perguntou a Marta.

— Sim, elas sabem quem pertence ao grupo.





— Isso quer dizer que as abelhas têm tarefas diferentes! A rainha põe os ovos, umas vão buscar pólen e outras são porteiras, estou a gostar — disse a Maria.
— Eu, por mim, queria ser a rainha.
O Antero deu uma gargalhada.
— Ah, ah, ah! — todas as meninas que vêm a esta quinta dizem isso...

— Estar sempre fechada a pôr ovos deve ser uma maçada. Preferia voar, ir buscar o pólen e fazer o mel. — Disse a Inês.



— As abelhas que carregam o pólen só fazem o transporte, essas são as carreiras.
— Então quem faz o mel? — perguntou o Vasco.
— São as obreiras, que trabalham como se fossem as cozinheiras da colmeia, transformam o pólen em mel.



Quando os favos ficam cheios de mel, está na hora dos apicultores recolherem os quadros, que depois são postos nesta máquina.

— A máquina anda à roda e o mel vai escorrendo para o fundo. Depois abre-se a torneira e o mel sai para uns recipientes onde fica a descansar.

— O mel a descansar? — estranhou a professora Tita.

— Fica a descansar para dar tempo às impurezas de subirem à superfície.

— Ah! Já percebi — disse o João.



— Quando se abre a torneira da máquina, enchemos frascos com o mel já limpinho. Querem provar? — perguntou o Antero.

— Sim — responderam todos em coro.

— Hum... Que bom! — disse a Kiki.

— É doce.

— Tão bom.





Depois de lida a história comparar com as hipóteses que foram levantadas na observação da capa, ver quais as que se concretizaram e quais as que não se concretizaram. Analisar as imagens e conversar sobre as sensações que nos transmitem.

Na Matemática é possível, aproveitando a forma da colmeia, extrapolar para as figuras geométricas.

No Estudo do Meio é bastante interessante programar uma visita de estudo a uma colmeia e falar com um aplicultor.

Fazer um reconto oral ou por escrito da história que leram. No caso de o reconto ser feito oralmente, o professor pode distribuir uma ficha para que as principais ideias da história fiquem registadas.

Responde às seguintes questões.

Qual o tema da história?

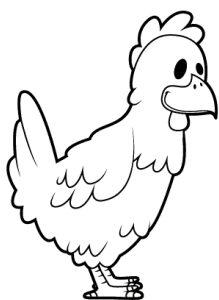
Onde foram os meninos da Professora Tita?

O que puderam observar?

As abelhas têm diferentes funções. Quas são?

Dá a tua opinião sobre a história.

Completa a legenda das seguintes imagens.

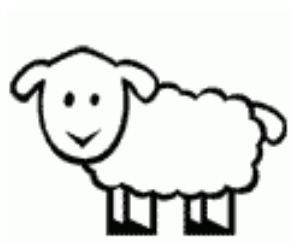


Nome: _____

Produz: _____

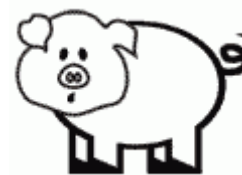
Nome: _____

Produz: _____



Nome: _____


Produz: _____



Nome: _____

Produz: _____


Depois de observares as imagens, completa as legendas.



Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____




Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____




Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____




Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____



Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____




Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____



Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____



Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____



Profissão: _____
Local de trabalho: _____
Instrumentos de trabalho: _____

Conclusão

Ao desenvolverem os sistemas de escrita, os nossos antepassados legaram às civilizações actuais a melhor dádiva de todas, uma vez que só através da escrita é possível a comunicação com o mundo que nos rodeia. A escrita permite ao ser humano que este exprima os seus sentimentos, ideias e que partilhe o seu conhecimento com os outros.

Com a chegada do livro foi possível preservar o passado que só assim pode chegar até nós. O livro, tão banal, sofreu tremendas alterações desde o volumen até ao livro que hoje podemos meter no bolso, para nos deliciarmos com uma viagem por outro mundo. Está sensação só o livro nos transmite. O livro está sempre presente nas nossas vidas até para algo tão simples como cozinhar. É o companheiro dos momentos de lazer e descontração.

Com a necessidade de arranjar forma de aceder ao livro de forma organizada aparecem as bibliotecas. Foi graças às bibliotecas do passado que temos todo este conhecimento no presente. Também elas foram mudando, mas a função permanece actual. Hoje ou há muitos séculos atrás a biblioteca guarda o conhecimento.

Temos de deixar de ver a biblioteca como um espaço enfadonho, triste, poeirento e aborrecido. Hoje a biblioteca está cada vez mais participativa nas nossas vidas. Já não é um edifício que espera ser visitado. As bibliotecas estão mais activas porque perceberam que a transmissão de conhecimentos faz delas demasiado importantes para serem relegadas para segundo plano. São uma fonte quase inesgotável de conhecimentos, saberes, histórias.

As bibliotecas têm vindo a fazer actualizações ao passo que a sociedade avança, para assim, se manterem como parte fulcral na divulgação de informação. Constantemente recebemos informações de actividades realizadas em bibliotecas, não apenas vocacionadas para a escola mas para todo o tipo de público. Somos nós que temos de integrar a biblioteca no nosso quotidiano ajudando-a a desempenhar o seu papel, transformando a sociedade numa sociedade cada vez mais informada e interessada.

A leitura é uma presença assídua do nosso quotidiano. Não saímos de casa sem ver as notícias e quando passeamos na rua somos constantemente bombardeados com informações que são processadas através da leitura. Tendo a leitura uma importância tão distinta é necessário convencer as pessoas a ler, sejam livros ou outros suportes de leitura. Não podemos pedir às nossas crianças que sejam leitoras quando não dispomos do nosso tempo para as levar a tomar contacto com os livros. Este papel de dar a conhecer os livros há criança não é exclusivo da escola. O desenvolvimento do gosto pela leitura começa em casa com histórias contadas pelos familiares.

Só com as leituras realizadas para o trabalho percebi que não damos à biblioteca o devido valor. Realmente, com o nosso ritmo de vida nem sempre as idas à biblioteca são a nossa prioridade, mas se nos interessa motivar as nossas crianças, somos nós que temos de dar o exemplo, como é referido em Azevedo (2007:38) “Os seres humanos tendem a imitar as pessoas que admiram, ou pelos quais desejam ser aceites e tendem a repetir os comportamentos bem sucedidos”.

O Ministério da Educação propõe algumas directrizes para os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico regerem o seu trabalho. Estas devem ser seguidas de forma a proporcionar às crianças uma aprendizagem e evolução para a sua vida. Vimos que há vários conteúdos em comum aos vários anos lectivos, sendo encarados como forma de aprofundar os conhecimentos. Os 1º e 2º anos lectivos são anos de grandes aprendizagens e de muitas experiências que vão marcar a vida escolar das crianças. Temos de aproveitar estes anos de grande motivação para que esta se mantenha ao longo da escolaridade. No 3º e 4º anos as aprendizagens já exigem outro grau de maturidade. Os conhecimentos a adquirir são diferentes.

Ao analisarmos o Programa Curricular podemos constatar que os conteúdos referentes à Biblioteca Escolar existem mas devido a vários factores nem sempre é possível torna-los realidade e deixar o manual escolar para usar mais a Biblioteca Escolar. Há escolas onde ainda não há Bibliotecas Escolares devidamente equipadas e noutros casos a deslocação das crianças a uma Biblioteca Municipal ou até à Biblioteca Escolar do seu agrupamento escolar fica inviabilizada pelas distâncias.

As duas histórias apresentadas e analisadas no terceiro capítulo mostram como tirar as crianças sala de aula para a Biblioteca Escolar e em como utilizar outras formas de ensino/aprendizagem que não apenas o manual escolar.

A história “O meu pai e eu” é uma história simples que permite trabalhar a família, os laços familiares e a importância da mesma. Pode servir para os vários anos lectivos realizando as actividades de acordo com a maturidade que possuem. É um ponto de partida para uma ida à Biblioteca Escolar.

A história “O Ciclo do Mel” é mais elaborada, permitindo um maior leque de actividades. Independentemente do grau de dificuldade da história é sempre possível levar as crianças à Biblioteca e adequar um conjunto de actividades à sua idade. Com esta história podemos reunir todas as disciplinas e mostrar, que partindo de algo tão simples como um pequeno livro, é fácil realizar um conjunto de actividades que estão interligadas, não tornando a leitura de um livro única e exclusivamente um obrigação da Língua Portuguesa.

Podemos concluir dizendo que as Bibliotecas, independentemente do público que servem, estão cada vez mais presentes na nossa sociedade. As salas cheias de livros, sem utilização, já não existem. As Bibliotecas estão cada vez mais modernas, livros, novas tecnologias e todo um vastíssimo conjunto de materiais estão à nossa disposição.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Isaura; SEQUEIRA, Ana Pires; ESCOVAL, Ana (1990) *Ideias e histórias. Contributo para uma educação participada*. Lisboa (Instituto de Inovação Educacional).

AZEVEDO, Fernando; (2007) *Formar leitores. Das teorias às práticas*. Lisboa (Lidel- edições técnicas).

AZEVEDO, Fernando; SARDINHA, M.G. (2009) *Modelos e práticas em literacia*. Lisboa (Lidel edições técnicas).

BARROCO, José Alves; (2004) *AS bibliotecas escolares e a formação de leitores*. Braga (Universidade do Minho).

CABRAL, Maria Luísa (1996) *Bibliotecas acesso, sempre*. Lisboa (Edições Colibri).

Cadernos BAD 1996/2

CALIXTO, José António; (1996) *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa (Caminho da Educação).

Currículo Nacional do Ensino Básico (2001), Lisboa (Departamento de Educação Básica).

Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto

DAS, Lourens H. *Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho*. Rede de Bibliotecas Escolares Newsletter Nº 3 (2008) Disponível em http://www.rbe.min-edu.pt/newsletter/newsletter3/newsletter_n3_ficheiros/page_003.htm consultado em 7 de Fevereiro de 2011.

DIAS, Maria de Fátima Semedo (2007) *Bibliotecas escolares: história e actualidade*. Porto (Universidade do Porto).

Dicionário da Língua Portuguesa (2004), Porto (Porto Editora).

DUARTE, Regina (coord.); VEIGAS, Ana Sofia; Batalha, Joana; PIGNATELLI, Maria da Luz; HENRIQUES, Marisa (2008) *Programa de Língua Portuguesa/ Português: Uma visão diacrónica*. Lisboa. Ministério da Educação - Direcção Geral Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (2000) *Manifesto das Bibliotecas Escolares da UNESCO*.

<http://www.madico.net/2010/05/profissoes.html>, consultado em 11 de Maio de 2011

http://www.smartkids.com.br/desenhosparacolorir/animais_aves.html

http://www.smartkids.com.br/desenhosparacolorir/insetos_abelha.html

http://www.smartkids.com.br/desenhosparacolorir/mamiferos_porco.html

http://www.smatkids.com.br/desenhosparacolorir/mamiferos_ovelha.html

LABARRE, Albert (2005) *História do livro*. Lisboa (Livros Horizonte).

LITTON, Gaston (1913) *O livro e a sua história*. São Paulo (Editora Mcgraw-Hilldo Brasil, Ltda).

McMURTIE, Douglas C. (1997). *O livro*. Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian).

Organização Curricular e Programas - Ensino Básico 1º Ciclo; (2004). Lisboa (Departamento de Educação Básica).

PENNAC, Daniel (2006) *Como um romance*. Lisboa (Asa editores, S.A).

Portaria nº 756/2009 de 14 de Julho

Revista Noesis nº 68 Janeiro/Março 2007

Revista Noesis nº 82 Julho/Setembro 2010

SIM_SIM, Inês. Formar Leitores: A inversão so Círculo. in www.casadaleitura.org, consultado em 14 de Janeiro de 2011.

SILVA, Lino Moreira da (s/d) - *Bibliotecas escolares - Um contributo para a sua justificação, organização e dinamização*. Braga (Livraria Minho).

www.rbe.min-edu.pt

Griné, Euclides (2006) *Oficina da História*. Lisboa (Texto Editores).

Neves, Pedro Almiro; Pinto, Ana Lúcia e Carvalho, Maria Manuela (2000) *História 11 - Tempos espaços e protagonistas, volume 1*. Porto (Porto Editora).

Pinheiro, Carlos. *Onde e quando apareceu a escrita? Uma breve história da escrita*. Visitado a 22 Fevereiro de 2011 em <http://www.malhatlantica.pt/netescola/historia/escrita.htm>

Infopédia. *Descoberta da Escrita*. Visitado a 22 de Fevereiro de 2011 em [http://www.infopedia.pt/\\$descoberta-da-escrita](http://www.infopedia.pt/$descoberta-da-escrita)

Olga Pombo. *Civilização da Escrita*. Visitado a 22 de Fevereiro de 2011 em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/links/civil_escrita.htm

Quental, Cristina e Magalhães, Mariana. *O ciclo do mel*. Gailivro.

Gonzalez, Maria Tereza Maia. *O meu pai e eu*.

